



IZABEL PATRÍCIA MEISTER

DA CULTURA LOCAL À ORALIDADE GLOBAL:
O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria de Los Dolores Jimenez Peña

SÃO PAULO
2008



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

M515d Meister, Izabel Patricia

Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet. / Izabel Patrícia Meister.-- São Paulo, 2008.

155 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

Orientação : Prof^a Dr^a Maria de Los Dolores Jimenez Peña.

Bibliografia: p. 134 – 141

1. Cibercultura. 2. Virtual. 3. Pensamento complexo. I.Título.

CDD – 303.4833



IZABEL PATRÍCIA MEISTER

DA CULTURA LOCAL À ORALIDADE GLOBAL:
O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria de Los Dolores Jimenez Peña

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Maria de Los Dolores Jimenez Peña - Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Santaella Braga
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Wilton Luiz Azevedo
Universidade Presbiteriana Mackenzie







Ao meu pai, João Carlos Meister, com quem aprendi que para escrever é preciso ler, para ler é preciso ter interesse e o interesse vem do nosso olhar para o mundo. A minha mãe, Margaret Meister, que me ensinou a ver o mundo com os meus próprios olhos, e me deu asas. Ao meu irmão, Rodrigo, que mostrou que ser diferente nos faz mais especiais.

Aos meus avós Curt e Patrícia Mueller que, entre tantas coisas, me levaram para navegar em um barco e ali entendi que nada é fixo, nem mesmo o chão que pisamos.

[REDACTED]

[REDACTED]

Agradecimentos

A Universidade Presbiteriana Mackenzie

Aos professores do mestrado em Educação, Arte e História da Cultura,
pela oportunidade única de crescimento pessoal e profissional.

A CAPES e MackPesquisa pelo apoio financeiro.

A minha orientadora Prof^a. Dra. Maria de los Dolores Peña,
por toda a sua dedicação e por ter tornado a reflexão minha companheira de viagem.
Só posso agradecer por ter aceitado este desafio que, seguramente, me levou a ser uma
pessoa melhor.


Ao Prof. Dr. Sérgio Bairon – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Universidade
de São Paulo – USP, por toda a trajetória durante o mestrado.

Ao Prof. Dr. José da Silva Ribeiro - Centro de Estudos das Migrações e das Relações
Interculturais (CEMRI), Universidade Aberta de Portugal, Delegação do Porto, pelo
acolhimento e pelas contribuições preciosas.

A Prof^a. Dr^a. Sarah Pink – Reader in Social Anthropology, Sociology Programme Director,
Loughborough University, Loughborough/ Inglaterra – por dispor de sua atenção em torno
do meu trabalho.

[REDACTED]

[REDACTED]




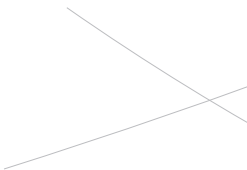
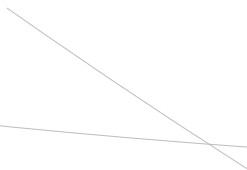
A Prof^a. Dr^a. Ana Paula Beja Horta - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Universidade Aberta de Portugal, Delegação de Lisboa, pelas conversas preciosas.

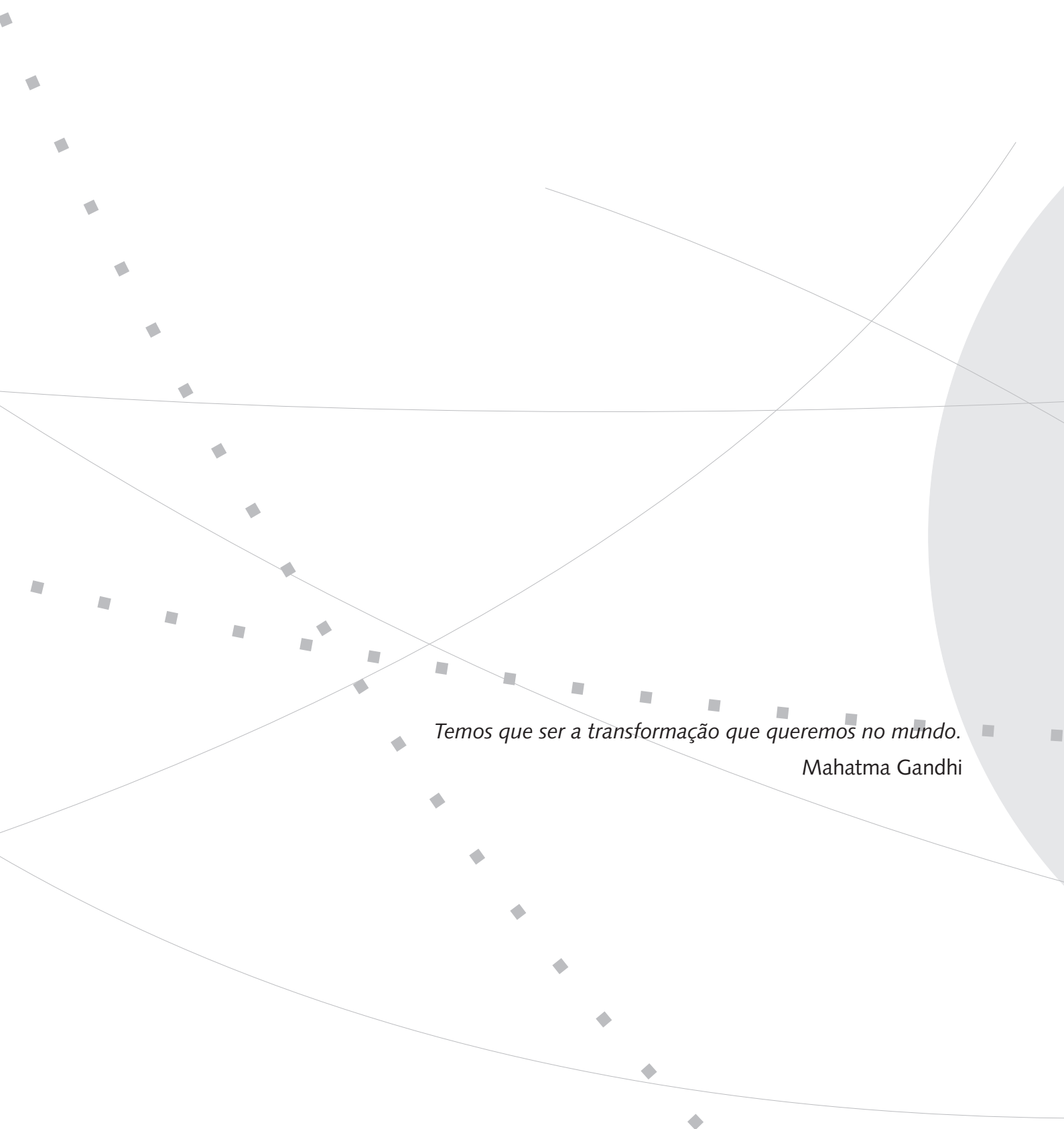
Eye Screen – European Virtual Cultures Network – Annecy, França, em especial ao Prof. Dr. Jacques Ibanez, por terem me convidado a participar do grupo e acolhido as minhas idéias.

A minha família e aos meus amigos por entenderem a minha absoluta ausência.

A Sandra Penkal por ter me levado a este caminho, a Maysa Monção pela cuidadosa revisão, a Malu Vallim por dispor de seu talento para o projeto editorial, ao Eduardo Rossetto pela disponibilidade de sempre e pela impressão da dissertação. Em especial a Nilva Campiotto por toda a sua generosidade e profunda amizade.







Temos que ser a transformação que queremos no mundo.

Mahatma Gandhi

[REDACTED]

[REDACTED]

Resumo

As estruturas da sociedade contemporânea revelam condições incertas, deslocamentos dos nossos papéis e novas articulações entre espaço e tempo. Neste cenário as relações de comunicação e informação são permeadas pelas redes comunicacionais de dinâmicas não-lineares, que propiciam novos olhares sobre os vetores educacionais, sociais, econômicos, culturais, políticos e urbanos. A mobilidade, pela aderência de objetos hipermidiáticos ao corpo, nos alça à condição de nômades e reestrutura a noção de coletivo.

Este trabalho teórico propõe, dentro deste contexto, um diálogo entre os campos da cibercultura, da virtualidade e do pensamento complexo para interpretar o caráter transitório da internet.

Palavras chaves: caráter transitório, virtual, cibercultura, pensamento complexo, transdisciplinaridade.

[REDACTED]

[REDACTED]

Abstract

The structures of contemporary society reveal uncertain conditions, displacements of our roles and new connections between space and time. In this scenario the relationship of communication and information is filled of the communication networks of nonlinear dynamics, which offer new perspectives on the educational, social, economic, cultural, political, and urban vectors. Mobility, by adherence of hypermedia objects to the body, drive us to the condition of nomads and re-build the notion of collectiveness.

This theoretical work suggests, within this context, a dialogue between the fields of cyberculture, the virtuality and of complex thinking to interpret the transitional character of the Internet.

Key words: transitional character, virtual, cyberculture, complex thinking, trans-discipline.

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

56

- 3.1 Virtual, o seu próprio campo de experiência, 57
- 3.2 A espiral que nos conecta, 62
- 3.3 Virtual como parte de um ecossistema, 65
- 3.4 Realidade virtual e mobilidade, 72

27

- 2.1 Modernidade e pós-modernidade, 28
- 2.2 A cultura técnica, 32
- 2.3 As linguagens e a cultura digital, 36
- 2.4 Temporalidade física e virtual, 39
- 2.5 Cibercultura - modo de vida, 48

2. Cibercultura e transitoriedade

13

1. Introdução

4. Transdisciplinaridade - à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

- 4.1 Contexto transdisciplinar para
uma era das relações? 79
- 4.2 Transdisciplinaridade pela ótica
do pensamento complexo 88
- 4.3 Campo recíproco:
transdisciplinaridade e
cibervetores (ciberespaço,
cibercultura e virtual) 94

78

97

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

- 5.1 Local, onde fica? 99
- 5.2 Sujeitos que estão sujeitos... 110
- 5.3 Caráter transitório, uma
condição? 123

6. Conclusão

128

134

7. Referências

8. Anexos

142



Lista de Figuras

- | | | |
|----------|--|----------|
| Figura 1 | <i>Alvo notto off07</i> de Mahir M. Yavuz – Linz, Áustria
disponível em http://www.flickr.com/photos/mahirmiyavuz/501517875/
Acesso em 7/6/2008 | verso 15 |
| Figura 2 | <i>Ice B&W</i> de André Nunes – São Brás de Alportel – Algarve – Portugal
disponível em http://www.flickr.com/photos/dregster/2351651315/
Acesso em 11/6/2008 | verso 17 |
| Figura 3 | <i>Auditorium</i> de Sott1 – São Paulo, Brasil
disponível em http://www.flickr.com/photos/sotto1/1402423891/
Acesso em 4/6/2008 | verso 27 |
| Figura 4 | <i>Girls</i> de Takagi Masakatsu, “COIEDA” – Boston, USA
disponível em http://www.takagimasakatsu.com/
Acesso em 10/6/2008 | verso 31 |
| Figura 5 | <i>Percursos Eletrônicos – Labirintos em Expansão</i> de Angélica B. C. Guimarães – Brasil
disponível em http://www.deart.ufu.br/angelica/labirintos.htm
Acesso em 12/6/2008 | verso 35 |
| Figura 6 | <i>Ampulheta</i> de Carolina Zarur – Brasil
disponível em http://www.flickr.com/photos/carolzarur/329985717
Acesso em 8/6/2008 | verso 38 |
| Figura 7 | <i>FILE II</i> de Marcelo Tim – Brasil
disponível em http://www.flickr.com/photos/luluka_luluka/1286383471
Acesso em 8/6/2008 | verso 47 |
| Figura 8 | <i>Gallery46</i> de Valencid – Kuala Lumpur, Malásia
disponível em http://www.flickr.com/photos/27401251@N06/2572445273
Acesso em 12/6/2008 | verso 56 |
| Figura 9 | <i>PI</i> de Paula Bardo de Estrella – Brasil
disponível em: http://www.flickr.com/photos/bardo_de_estrella/
Acesso em 12/5/2008 | verso 61 |



Lista de Figuras

- Figura 10 *Entre árvores e esquecimentos* de Carlessolís – Catalunha
disponível em: <http://www.flickr.com/people/carlessolis>
Acesso em 21/4/2008 verso 64
- Figura 11 *Bicycle Race* de Artillero – Argentina
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/artillero/2576713390/>
Acesso em 13/6/2008 verso 71
- Figura 12 *Universo de cristal II* de Armando Arbego Logroño – La Rioja, Espanha
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/arbegofoto/1259915744/>
Acesso em 7/6/2008 verso 78
- Figura 13 *Crazy Nighths of Turim* de Miguel Valle de Figueiredo- Lisboa, Portugal
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/miguelvf/2438847113/>
Acesso em 14/6/2008 verso 87
- Figura 14 *Inside Cyber Space* de Lars Kristian Flem – Trondheim, Norway
disponível em : <http://www.flickr.com/photos/larskflem/>
Acesso em 18/5/2008 verso 93
- Figura 15 *Wallpaper Espaço* de Jorgeseo – Brasil
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/12493004@N02/2436239446/>
Acesso em 9/6/2008 verso 98
- Figura 16 *Praça em Vila Nova de Gaya* de José Ribeiro – Cidade do Porto, Portugal, 2008 verso 106
- Figura 17 *Zero Gravity* de Aurora – Milano, Itália
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/auro/230377281/>
Acesso em 2/6/2008 verso 109
- Figura 18 *The More Möbius the Better* de Rein Nomm – Plymouth, Michigan, USA
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/nomm/280742744/>
Acesso em 26/5/2008 verso 111
- Figura 19 *Tha Moon* de Osmisan – Argentina
disponível em: <http://www.flickr.com/photos/osmisan2/2433107734/>
Acesso em 28/5/2008 verso 122

[REDACTED]

[REDACTED]

Lista de Figuras

- Figura 20 *Circo Du Soleil – Zaia* de Wally Santana – AP verso 128
disponível em http://noticias.uol.com.br/album/29052008olho_album.jhtm
acesso em 30/05/08
- Figura 21 *Rizoma* de PinkPollution – Itália verso 130
disponível em <http://www.flickr.com/photos/pinkpollution/2421130707/>
Acesso em 20/5/2008
- Encarte *Mapa de Idéias* de Izabel Meister – Brasil, 2008 entre cap. 1 e cap. 2
- Quadro 01 Transformations of Mind: The Role of Orality, Literacy and Cybercy2 100

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Introdução

Se tivesse que apresentar a minha trajetória pessoal até o momento através de um único objeto, escolheria um livro, *As cidades invisíveis* de Italo Calvino. Este livro, diretamente, nada tem haver com esta pesquisa, mas é, em síntese, a forma do meu olhar diante do mundo e das questões que nos cercam. Um olhar nômade e neste caso, sim, se relaciona diretamente com esta dissertação.

As narrativas de Marco Pólo feitas ao imperador mongol, a quem o veneziano servia coletando impostos, tinham a função de construir a imagem e alimentar o imaginário deste imperador sobre o império que, de tão vasto, não conhecia

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

todo. Estas histórias eram marcadas por percepções dos lugares e espaços e baseadas nos sentidos, nas relações entre as pessoas e as cidades, e nas complexidades tecidas a partir dessas relações. Ao descrever cada cidade, o narrador fala dos cheiros, dos sons, das vozes, das imagens, ou seja, de tudo aquilo que percebe. Uma narrativa poética, de plenitude humana, que nos provoca porque encontramos ali partes das nossas vidas, das sonoridades e cheiros do nosso cotidiano. Esta noção de inter-relação entre as pessoas, as coisas, os acontecimentos forja, desde sempre, o meu olhar e a minha alma, não porque o primeiro é a janela do segundo, mas porque ambos são e desta forma permeiam minhas escolhas e minhas reflexões.

A partir desta perspectiva, toda a minha formação pessoal, profissional e acadêmica sempre se pautou pela construção de olhares, singulares e coletivos, entrelaçados, ilimitados e de espírito colaborativo, que nunca me fizeram sentir estrangeira em lugar algum. Esta disposição para o novo, para o olhar exploratório, para as relações é uma herança familiar ampliada no caminhar urbano, nas viagens, na experiência de viver em outro país, no espírito investigativo e andarilho, na depuração de valores.

Questões transdisciplinares, relações entre tempo e espaço e principalmente sobre o ser humano e suas facetas socioculturais dentro destes cenários são inquietações que me acompanham desde a faculdade de arquitetura, passando pela faculdade de editoração, pela pós-graduação em comunicação, teoria e prática do audiovisual e culminando atualmente no mestrado em Educação, Arte e História da Cultura.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Processos sempre são mais interessantes para mim que, necessariamente, o fim objetivado. Especialmente porque são permeados de subjetividade.

A relação com as questões do ciberespaço, cibercultura, internet que expõem estes meus interesses e a possibilidade da rede me levam a refletir sobre estas conexões, que na sua essência primordial de comunicação geram relações e pontes que interferem no processo do conhecimento. A partir deste núcleo, em um primeiro momento, imaginei ser – até por uma questão de repertório – o design a expressão e o caminho para uma avaliação mais profunda deste assunto. Percebi, no entanto, que para o design posso reservar uma reflexão futura, pela sua função aglutinadora e pela sua capacidade em dar respostas. Neste momento, a complexidade desta rede clama por reflexões dentro de ecossistemas variados para entender sua profundidade e arranjos socioculturais nos quais está envolvida. Assim, as questões são mais importantes que as respostas.

Outro dia, ao procurar livros referentes a estes temas em uma das melhores livrarias que temos em São Paulo, me dei conta de que eles estavam pulverizados em diversos ramos do conhecimento. Em um primeiro momento comecei a criticar, dizendo que deveria ter uma prateleira, ao menos, para tratar de cibercultura, virtualidade etc. Hoje percebo que talvez esta permeabilidade da cibercultura, no caso, distribuída em várias prateleiras, seja condição necessária a sua existência. Sem limites, sem forma e classificação definida.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Mahir M Yavuz

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Dentro deste universo, que envolve emissores, receptores, objetos de comunicação, está meu o território investigativo. Assim, com esta pesquisa pretendo trazer referências teóricas sobre as áreas da virtualidade, da cibercultura e da transdisciplinaridade/complexidade¹ que possam servir para o entendimento da transitoriedade das informações e do conhecimento, especialmente na internet. O caráter transitório descreve dois aspectos complementares: aquilo que transita, ou seja, está em movimento constante entre agentes e, por outro lado, refere-se também ao que não é perene, estável, que não se consolida. A transitoriedade preserva a condição imaterial de complexidade e de processo, mas dota de significado o objeto relacionado, aderido ou o como sendo o próprio sujeito ao sujeito.

Objetivos

Objetivo geral:

- ⊙ Compreender como se dá o entendimento da transitoriedade na internet à luz do referencial teórico da virtualidade, da cibercultura e da transdisciplinaridade/complexidade.¹

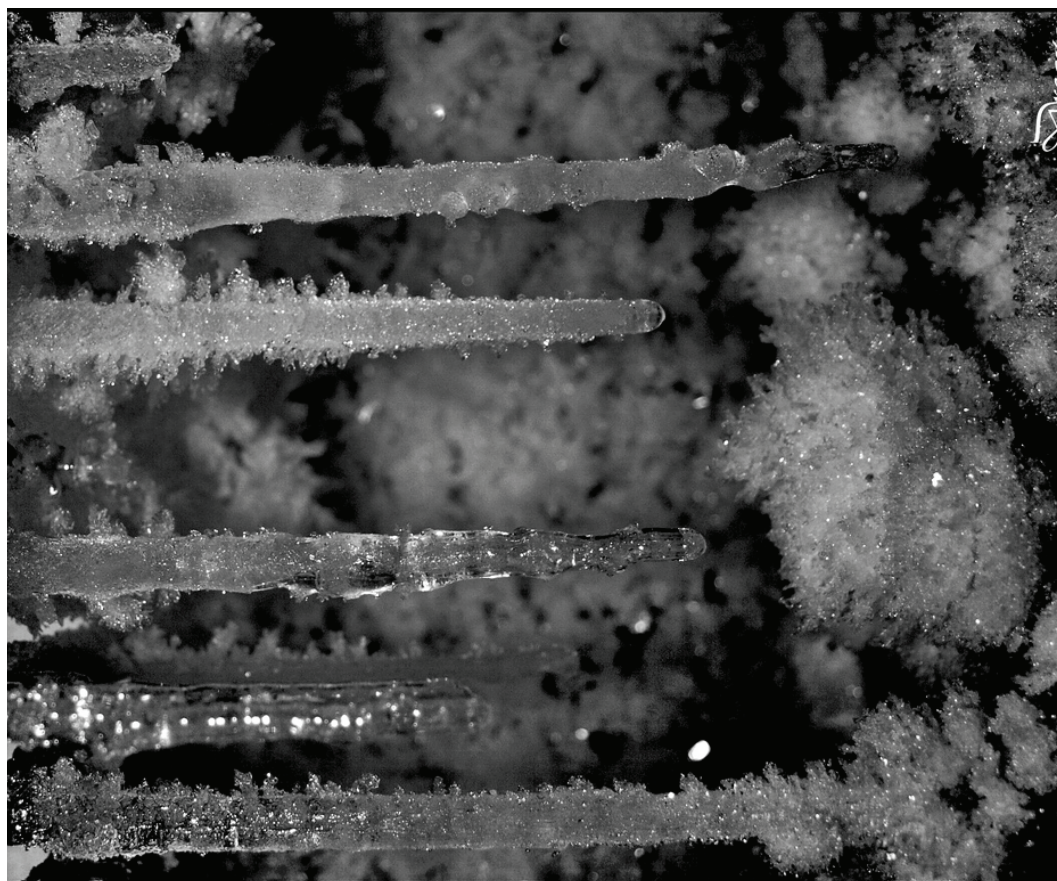
Objetivos específicos:

- ⊙ Compreender a cibercultura para relacioná-la com a transitoriedade.
- ⊙ Compreender virtualidade a partir de uma perspectiva de resultados transitórios.
- ⊙ Compreender transdisciplinaridade à luz do pensamento complexo e da desterritorialização.

¹O termo transdisciplinaridade virá sempre acompanhado do termo complexidade porque é o viés pelo qual será abordado neste trabalho.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



André Nunes

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Justificativa

Tudo que é sólido se dissolve no líquido, nas espumas...

Várias das reflexões construídas em torno das estruturas da sociedade contemporânea levantam condições incertas, deslocamentos dos papéis do tempo e do espaço e novos padrões de organização. A dinâmica não-linear escolhe entremear-se em redes, não para criar um discurso apocalíptico, mas para criar condições de reconhecimento tangíveis e arranjos de vetores educacionais, sociais, econômicos, culturais, políticos, capazes de lidar com as perspectivas de futuro que já nos atingem. Agregamos à condição humana não só questões referentes aos elementos da natureza, mas também tudo o que construímos e realizamos. Somos formas, matérias e processos. A infra-estrutura material da sociedade, segundo Fritjof Capra (2002), é a corporificação da sua cultura. Portanto, a evolução da cultura implica a evolução da infra-estrutura e vice-versa, em uma ação recíproca. Quando falamos em tecnologia esta relação é potencializada.

Ao longo da história a palavra tecnologia foi assumindo significados diferentes, porém gregários, não excludentes. Nos seus primeiros usos, no século XVII, era atribuída à discussão sobre artes aplicadas como ofícios. Aos poucos passou a designar os próprios ofícios. No século XX passou a retratar também as ferramentas, as máquinas, os métodos e as técnicas não materiais. Desde a aparição do homem também já era denunciada a sua relação com a tecnologia porque era capaz de construir ferramentas, capacidade

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

essa quase inerente à natureza humana. Tanto isto é recorrente que as grandes fases da evolução humana são marcadas pela relação com a tecnologia: Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Era Industrial, Era da Informática. Todos esses períodos denotam uma relação material com a tecnologia.

Porém hoje podemos pensar que a nossa cultura imaterial e intangível está sobreposta às ferramentas. Estudiosos das mais diversas vertentes ilustram que estamos na Era das Relações (HARMAN, 1966b *apud* MORAES, 1997), da Fluidez, em uma Modernidade Líquida, segundo Bauman (2001). Podemos questionar então se ainda somos representados por tecnologias visíveis, tangíveis, ou a tecnologia produzida para esta era tem um aspecto intangível? Podemos chamá-la de banco de dados. A atualização deste banco de dados, de hipertexto?

Quando pensamos que a cultura tem a sua materialização nos artefatos e nas estruturas, talvez possamos dizer que a cibercultura tem sua materialização no banco de dados.

Quando essa teia lingüística torna-se um hipertexto feito de palavras, sons, imagens e outras expressões culturais, transmitidas eletronicamente e abstraídas da história e geografia, esse fato influenciará profundamente a maneira pela qual vemos o mundo. (CAPRA, 2002, p.166)

Do ponto de vista da natureza viva, podemos emprestar um trio delimitado por Capra: forma, matéria e processo. Seguindo suas reflexões, quando nos toma como forma nos diz pertencer a um padrão de organização, uma rede autogeradora. Como matéria somos dissipativos,

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

ou seja, um sistema aberto, e finalmente como processo somos sistemas cognitivos. Uma quarta perspectiva, de igual valor, é somada ao aplicarmos esta idéia à estrutura social: o significado. “[...] a linguagem humana, por ser de natureza simbólica, envolve antes de mais nada a comunicação de um significado, e que ações humanas decorrem do significado que atribuímos ao ambiente que nos rodeia” (CAPRA, 2002, p. 86).

Ainda segundo Capra, a cultura é resultado e tem sua manutenção a partir de uma rede (forma) de comunicações (processo) na qual o significado é gerado. A matéria é encontrada nos artefatos e textos produzidos. Perde-se em nossos dias a relação sistêmica embutida neste desenho da natureza porque não temos um núcleo comum e sim multiplicidades que geram infinitos campos gravitacionais e dimensionais.

Nas teorias quânticas, os objetos não têm posição definidas, são descritos por probabilidades e ondas que ocupam regiões do espaço. Em um mundo quântico, no nível mais fundamental, tudo está em um estado de constante fluxo, até mesmo o espaço ‘vazio’, que na verdade encontra-se preenchido por partículas virtuais que aparecem e desaparecem continuamente. (MALDACENA, 2005, p.58)

Estas perspectivas múltiplas desembocam em conceitos fluidos transformadores das nossas noções espaciais, culturais e sociais. Em algum momento as formas sólidas são desmontadas e damos a elas uma relação líquida, Marcos Novak (*apud* SANTAELLA, 2007), Zigmund Bauman (2001), ou ainda uma concepção mais leve, mais amorfa, de espuma — Peter Sloterdijk (2006).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Vivemos um estado de fluxo onde não há busca por um enraizamento, são rizomas que se comunicam, mas não constituem lugar. Ou melhor, segundo Novak, no ciberespaço todos os lugares podem se tornar arquetônicos e habitáveis. São novos territórios, ubíquos que exigem nossa adaptação. Um novo conceito de nomadismo, provocado pela aderência da nanotecnologia ao corpo, uma nova idéia de oralidade se instaura, não permeada pela convivência territorial em torno de uma manifestação cultural, mas em torno de uma convivência por interesse que reloca a oralidade para um novo plano onde a concentração no momento presente permanece tanto quanto o sentimento comunitário. Uma nova “tradição” oral pode estar se constituindo, não por proximidade temporal e espacial, mas no tempo que é o tempo da realização e porque os meios não estão separados dos sujeitos, estão incorporados. Assim, podemos dizer que as *ciberdimensões* (virtual, cultural, espacial etc.) só se atualizam e realizam quando da sua relação com o sujeito, dentro da idéia de não-permanência, no tecer das conexões que revelam informações. Podemos pensar que a linguagem líquida só não evapora porque nós somos capazes de dar significado e só podemos dar significado porque admitimos uma relação entre os vetores *ciber*, o sujeito e sua apropriação do objeto.

Os objetos deixam de ser extensões do corpo, são o próprio corpo, o ápice da relação nômade realizada pela mobilidade². Somando a complexidade a este contexto, podemos dar sustentabilidade a um estado contemporâneo que não pode ser negado e podemos criar estratégias educacionais, culturais, por exemplo, que envolvam esta incorporação, que não tratem o virtual como o outro, esta separação só condena o processo. É necessário

²Por exemplo, agora podemos pensar em celulares, ipods e outros objetos, no futuro próximo podemos pensar chips acoplados (A Universidade de Washington anunciou em 2008 o protótipo de lentes de contatos com circuitos e sensores luminosos embutidos, o que abre campo, em longo prazo, para a reprodução de vídeos e conteúdo multimídia direto na retina do usuário)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

percebê-lo como significado, um processo cognitivo, o que possibilita a sua corporificação. Processos cognitivos não são materiais, mas são todos incorporados – nascem e são moldados para um corpo.

Recuperando a tríade proposta por Capra: forma, matéria e processo, somada ao significado, podemos transbordar para outro trinômio: o ciberespaço (forma), a virtualidade (matéria), a complexidade (processo) e o significado.

O meio para, nesta relação, atingir este estado de significância, no entender desta pesquisa, é o caráter transitório, que preserva a condição imaterial de complexidade e de processo, mas dota de significado o objeto relacionado/ aderido ou o próprio sujeito ao sujeito, especialmente quando falamos da virtualidade, do ciberespaço ou qualquer outro ciber-vetor. Dentro dessa perspectiva, a comunicação em rede que inclui o significado possibilita a noção de local não como espaço, mas como contexto de revelação onde parte do todo pode ser perceptível pelo homem.

Tempo e espaço na mesma dobra ao determinar a percepção da informação. Esta dimensão, entre tantos potenciais, implica o sujeito, mas sem fixá-lo, aliás este sujeito pode até ser um corpo sem órgãos, onde as suas dinâmicas e intensidades sem forma são a essência, na concepção de Deleuze e Guatarri (2007).

A informação dotada de significado cria as condições para novas manifestações ou platôs da infoera, como a Web 2.0, a Web Semântica, o Second Life. Todos eles, de alguma forma, entregam ao navegador o leme do barco. A Web 2.0 reflete uma web mais significativa

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

para o usuário, que leva a simultaneidade ao extremo, ao transferir os aplicativos para a web e nos liberar da solidez dos computadores com aplicativos instalados. Potencializamos a nós mesmos – *a web somos nós*, palavras de Michael Wesch, criador do vídeo “*Web 2.0 ... The Machine is Us/ing Us.*”³ – porque nos tornamos empreendedores e criadores. É um estado cooperativo permanente que desemboca em novas estruturas sociais, as quais, na relação íntima com a tecnologia, só puderam ser realizadas a partir da banda larga para transmissão de dados.

A Web Semântica é resultado da idéia de possibilitar aos computadores encontrarem significados próprios em tudo o que é colocado na internet. Dessa forma teríamos vários modelos de uso da informação gerados de acordo com a necessidade de cada navegador, resolvendo problemas bem definidos a partir da inserção de dados. Os computadores não vão pensar por conta própria, vão organizar a informação por interesse e necessidade, diferentemente da Web Sintática que temos hoje, que categoriza de forma semelhante a taxonomia. Em uma combinação de game e capital imaterial, o Second Life traz um ambiente visual povoado de avatares em uma realidade tridimensional. As ilhas do Second Life talvez sejam a potencialização daquilo que Ted Nelson chama de *Transliterature*⁴, ou seja, a informação disposta em quantas dimensões forem necessárias, resultantes e propulsoras de infinitas relações, de todos os gêneros. “Nestes ambientes também germinam formas inéditas de socialização” (SANTAELLA, 2007, p. 422).

³Filme original disponível em: <http://youtube.com/watch?v=6gmP4nk0EOE> / versão em português: <http://youtube.com/watch?v=NJsacDCsiPg&feature=related/>

⁴Disponível em <http://transliteration.org> Acesso em 29/05/08

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Portanto o caráter transitório torna-se uma condição para a relação entre a complexidade e o virtual, faz de um o melhor território para o outro. A relevância desta percepção está em incluir a discussão sobre o virtual no âmbito das reflexões sobre o sujeito, a cultura, a educação, a estética, provocando o deslocamento de todos porque as posições são temporárias.

Delimitação do problema de pesquisa

Discussão teórica acerca das relações entre os campos do saber, cibercultura, virtualidade e transdisciplinaridade/complexidade, visando compreender a transitoriedade da informação e do conhecimento na sociedade atual, especialmente no espaço virtual, na internet.

Como se dá o entendimento da transitoriedade na internet à luz do referencial teórico da virtualidade, da cibercultura e da transdisciplinaridade/complexidade?

Podemos identificar o caráter transitório na internet como um meio que propicie significado à virtualidade?

A partir deste questionamento podemos levantar outros eixos importantes para esta discussão:

Como a virtualidade contribui para o entendimento da transitoriedade?

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Como a cibercultura contribui para o entendimento da transitoriedade?

Como a transdisciplinaridade/complexidade contribui para o entendimento da transitoriedade?

Metodologia

Pesquisa qualitativa teórico-documental, com motivação exploratória, de base bibliográfica, abrangendo seminários no Brasil e no exterior⁵; visita a pesquisadores⁶ e a literatura atual dos campos do saber da cibercultura, do virtual, da transdisciplinaridade e do pensamento complexo.

São três os eixos principais que colaboram para a organização desta pesquisa e definem a escolha do referencial teórico. São eles: virtualidade, cibercultura e transdisciplinaridade/complexidade. Foram estruturados a partir da concepção transversal e, conseqüentemente, interdisciplinar, que envolve este projeto. Portanto esses eixos são, na verdade, parte de um rizoma e possibilitam tecer o projeto a partir também da relação entre os elementos de um referencial teórico, entre estes e os vários eixos, ou tramas, que abraçam. Cada indicação relacionada com um eixo não elimina a sua participação nos outros, em um exercício de trânsito pelo espaço teórico ao longo do processo investigatório.

⁵III Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das imagens – Universidade Presbiteriana Mackenzie – agosto de 2006. Apresentação da comunicação: *Websujeito, o deslocamento do olhar*. Visual and sensory methodologies to research and represent hypermedia and virtual practices – Université de Savoie – fevereiro de 2008. Apresentação da comunicação: *Process is permanent communication*

⁶ Prof.^a Dra. Sarah Pink, Reader in Social Anthropology/ Programme Director, Sociology / Department of Social Sciences/ Loughborough University; Prof. Dr. José da Silva Ribeiro, Universidade Aberta/Delegação da Cidade do Porto, Doutorado em Antropologia Visual

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

Para discutir a virtualidade e a cibercultura foram reunidos autores que se debruçam sobre vários aspectos dos dois assuntos; como muitos são representativos em ambos, não fizemos aqui uma separação entre os dois temas. Porém temos dois campos complementares: os autores que partem da filosofia, da sociologia e buscam elaborar conceitos e os que partem da tecnologia, da comunicação, da arte e da antropologia visual, que buscam aplicar, discutir as práticas e as metodologias de construção da informação e do saber neste contexto. No primeiro grupo encontramos Pierre Lévy (2001, 2003, 2004), Jean Baudrillard (1991), André Lemos (2005), Marc Auge (1994), Zygmunt Bauman (2001), Manuel Castells (2006), Vilém Flusser (2002), principalmente. No outro grupo temos Lúcia Santaella (1988, 2001, 2004, 2007), Lev Manovich (2001), Steven Johnson (2001), Lúcia Leão (2004, 2005), Sarah Pink, (2006, 2007) José Ribeiro (2004, 2007) e Sérgio Bairon (2007) entre outros. A transdisciplinaridade, mais propriamente a complexidade, tem a sua base nos seguintes autores: Edgar Morin (2005, 2007) que elabora o pensamento complexo e dá sustentabilidade à interferência na estrutura da transdisciplinaridade em franco diálogo com as idéias elaboradas pelos autores subseqüentes: Eduardo Mourão Vasconcelos (2002) e Maria Cândida Moraes (1997) que trabalham com amplitude do olhar, fazendo recortes transversais, incluindo a transdisciplinaridade dentro da idéia de ecossistema. Deleuze e Guattari defendem a transversalidade sem início e sem fim do rizoma.

As reflexões colhidas delineiam o campo de pesquisa e são multiplicadas pela totalidade da bibliografia, pensadas à luz do problema estabelecido. Esta compreensão nos possibilita

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

1. Introdução

refletir sobre a relação da virtualidade com a transdisciplinaridade/complexidade, em um ecossistema que inclui a cibercultura e a comunicação.

Dentre as inúmeras referências consultadas, elegemos como principais, portanto como base teórica, as obras em anexo.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

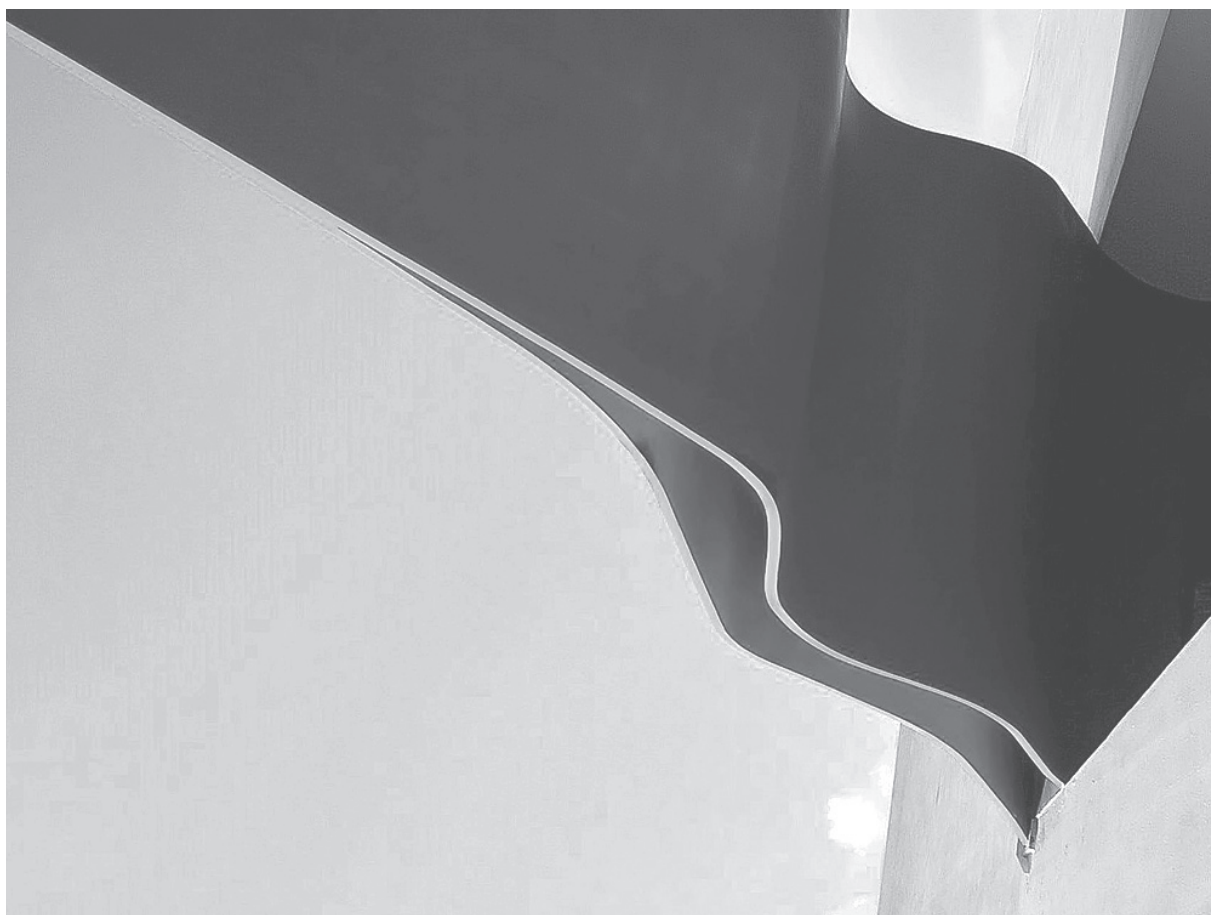
IZABEL MEISTER

Cibercultura e Transitoriedade

Tentar compreender o momento presente é tarefa que escapa aos objetivos desta investigação, mas precisamos perceber como nos relacionamos com os novos pontos de fuga e observação instaurados, justapondo novas perspectivas entre sujeito e objeto. É interessante pensar na relação com os meios que estabelecemos em nosso tempo para, partindo desta macroesfera, construirmos os caminhos escolhidos para este estudo. “E é por isso que é tão essencial reconhecermos a riqueza e a complexidade do meio, seu âmbito de expressão e sua significação cultural” (JOHNSON, 2001, p. 156).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Sotto

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

2.1. Modernidade e pós-modernidade

Olhando por essa perspectiva, podemos nos perguntar em que momento, em que movimento nos encontramos. Somos parte da modernidade, estamos vivendo uma hipermodernidade ou alcançamos a pós-modernidade? Esta discussão, por si só, é matéria de reflexão de inúmeros trabalhos e não podemos trazê-la com esta profundidade para este texto para não correremos o risco de nos perdermos nela, de tão complexa e de tão referente a tantos vetores que devem ser analisados. Vamos nos limitar a levantar alguns pontos deste ambiente para dar subsídios à reflexão sobre cibercultura. Entrelaçaremos também conceitos importantes para o entendimento desta condição, especialmente as idéias de ciberespaço, linguagem, natureza e cultura.

A modernidade, em uma primeira análise, nos envolve em narrativas totalizadoras intrínsecas aos conjuntos sociais, econômicos, culturais, políticos, das ciências etc. A pós-modernidade, por sua vez, fala em fragmentação e descontinuidade. Assim, entre pólos, podemos escutar Jameson (2006), para quem a importância está em perceber a pós-modernidade como um elemento indispensável para a prática, a crítica e a teorização

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

da cultura contemporânea e das formas de subjetividade na nova ordem internacional. Apesar de ser descrente da práxis política coletiva – um dos elementos importantes da cibercultura¹ –, acredita que há riscos políticos inerentes à idéia de heterogeneidade absoluta, que investe contra a noção de totalidade social e de significado na história. De toda forma ele não deixa de reconhecer a necessidade de analisar os novos modos de subjetividade e a experiência da cena contemporânea.

Dentre aqueles que usam a palavra modernidade para descrever o momento em que vivemos, temos Zygmunt Bauman (2001), que nos revela a condição líquida da modernidade. Para ele a modernidade é dividida em dois momentos, o primeiro é o da modernidade pesada, o segundo é o da modernidade leve. Na primeira temos a certeza do fim conhecido, da fixação das fronteiras, estabelecendo a ordem para o capital, para o território, para a cultura. A segunda, a modernidade leve, é alimentada pela flexibilidade, mobilidade, nomadismo e suas conseqüências estruturais como volatilidade, instabilidades inerentes às identidades, onde o fluxo trabalha não mais com o fim objetivado – este se

¹Cibercultura, segundo Pierre Lévy, é uma nova forma de cultura que nos leva a co-presença das mensagens dentro do seu contexto próprio. A nova universalidade, em oposição a universalidade estática, redutora e totalizante, não depende da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações (2003). Para André Lemos cibercultura é uma nova relação entre a técnica e a vida social, entre a socialidade contemporânea e as tecnologias de base microeletrônica (2005).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

tornou tão múltiplo –, revelando-se uma nova incerteza: não sabemos os fins quando de forma tradicional não saberíamos os meios. Esta incerteza é constituída por uma infinidade de escolhas e olhares. É uma escritura em movimento que fomentará, pela sua dinâmica, uma nova modalidade de leitura, dentro da globalidade, mesmo quando se refere a um ponto local. Ainda dentro dessa perspectiva, a idéia de volume e tamanho pode se tornar fator de risco (o tempo é respeitado na sua infinitude, mas degenerado na sua duração) e o conflito é estabelecido entre aqueles que detêm a qualidade da rapidez, do momentâneo do movimento, e aqueles que são lentos e fixados.

O enraizamento, se existir, só pode ser dinâmico: ele deve ser reafirmado e reconstituído diariamente – precisamente pelo ato repetido de autodistanciamento, esse ato fundador, iniciático, de estar de viagem na estrada. (BAUMAN, 2001, p. 238)

Os líquidos não mantêm uma forma, o espaço não é fixo e o tempo não é mensurável. Aquilo que vemos como forma é aquela que se constrói naquele momento em que fixamos o olhar sem a menor possibilidade de retenção. Mais aguda ainda é a idéia de espuma desenvolvida por Peter Sloterdijk (*apud* SANTAELLA, 2007, p. 19), mais sutil, mais leve e complexa que os líquidos.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Diferentemente da noção de corporeidade do uno ou da massa atômica, a espuma é multifocal, polimorfa e heterarquicamente material. É parte de uma concepção não-metafísica e não-holística de formas de vida e não pode mais ser pensada por meio da simplificação ontológica da esfera-todo. São entornos invisíveis e frágeis, no interior de entornos maiores, que agem de forma simultânea, ligados uns aos outros, que produzem seu espaço no que é nela, manifestando a *res publica* dos espaços. *Fast nichts, und doch nicht nichts*, diz Sloterdijk, que poderíamos traduzir por quase nada e, no entanto, não nada. Algo alhures, coberto com um tecido de espaços vazios que, no mínimo toque, explode e se reconstrói. Contém ar, líquido e sólido em consistências descontínuas e extinguíveis. (BAIRON, *apud* SANTAELLA, 2007, p. 19)

A idéia que permeia esses contextos é a de que a lógica tradicional com sua linguagem e seu espaço (ou a relação espaço-tempo) não cabe dentro deste mundo leve de relações, guiado pela mobilidade e pelo desprendimento de cargas. As dicotomias presentes na modernidade como as divisões entre corpo e alma, espírito e matéria, sujeito e objeto, liberdade e controle não têm mais justificativa. Espaço e linguagem revelam as ligações entre natureza e cultura.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Takagi Masakatsu

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Como se verá, linguagens antes consideradas do tempo – verbo, som, vídeo – espacializam-se nas cartografias líquidas e invisíveis do ciberespaço, assim como as linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos. (SANTAELLA, 2007, p. 24)

Isso nos abre a possibilidade para refletirmos sobre dois elementos comuns a todos os contextos, a técnica e a tecnologia. A maneira de o homem se relacionar com a natureza, a cultura, e desenvolver a linguagem, apropriar-se do espaço e do ciberespaço revelando a cibercultura. Exploraremos esta relação na seqüência.

2.2 A cultura técnica

Segundo André Lemos existe uma relação simbiótica entre o homem, a natureza e a sociedade. Para cada época da história vamos encontrar uma cultura técnica correspondente. Para ele a cultura contemporânea somada às tecnologias digitais estabelece uma nova relação entre técnica e a vida social a qual chama de cibercultura (LEMOS, 2005). “Se na modernidade prevaleceu o imaginário da homogeneização e da racionalidade

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

instrumental, a época atual impõe uma atitude complexa do fenômeno técnico" (LEMOS, 2005, p. 17).

O fenômeno técnico sempre acompanha o homem. Técnica, palavra originária do grego *tekhnè* – arte –, compreende as atividades técnicas e as habilidades, são as artes práticas. Oposta, mas complementar, à idéia de geração de coisas naturais, ambas fazendo parte do processo de vir a ser. A distinção entre o fazer humano e o fazer da natureza acontece a partir da inserção do homem no centro do fazer *poiético* (auto-reprodução). Os gregos então separam aquilo que permanecia unido nos tempos pré-históricos: o saber prático do saber contemplativo ou teórico. Principalmente a partir de Platão, segundo Lemos, a nossa percepção em relação às artes práticas é modificada, como até hoje são consideradas menores do que a atividade intelectual e conceitual. Aristóteles coloca a atividade prática como inferior à da natureza porque não possui em si o princípio de fabricação, o princípio do vir a ser, onde, por exemplo, a árvore traz em si a semente. A *tekhnè* é, ao mesmo tempo, inferior à natureza, à contemplação filosófica e também transgressora do espaço sagrado imposto pelos deuses (LEMOS, 2005). Em um salto na história podemos ver na tecnologia moderna o afastamento gradual do homem da manipulação de instrumentos e

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

ferramentas, agora executada pelas máquinas, criando uma separação entre tecnologia e cultura. A primeira não faz parte da segunda, quando não é considerada inimiga, segundo Siondon (*apud* LEMOS, 2005).

Isso reforça um processo de desnaturalização do homem, criando uma segunda natureza, a cultura. A cultura moderna reconhece o objeto estético (arte) no mundo das significações, mas reduz os objetos técnicos para um sistema autônomo (LEMOS, 2005). “É da objetivação do mundo que surge o objeto técnico e, da sua subjetivação, o pensamento religioso. Aparecem o primeiro sujeito e o primeiro objeto” (LEMOS, 2005, p. 33).

Temos, então, o mundo, o sujeito e o objeto para nos mostrar a realidade. Isso é de fundamental importância para a leitura do contemporâneo à luz da cibercultura que faremos mais adiante. A natureza, agora transformada em objeto, é passível de exploração e pesquisa. O homem, em um movimento iniciado no Renascimento e balizado por Francis Bacon e René Descartes, torna-se o centro do universo, tem legitimidade para agir sobre o mundo de forma racional e científica. O homem do século XVII é racional, afasta qualquer relação com o imaginário, seja pelo viés da superstição, seja pela tradição ou religião. A

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

estrutura onto-teológica é substituída por uma estrutura onto-antropológica, tendo seu apogeu na Revolução Industrial no século XVIII. Dessa forma a física moderna nivela o terreno para a tecnologia moderna. A atividade técnica passa então a estar conectada ao conhecimento científico. Temos uma tecnociência autônoma, neutra, universal e totalitária. “Toda a experiência da realidade tornou-se tecnológica [...]. Entretanto, se a atividade técnica está imbricada na emergência da linguagem, toda atividade técnica é uma atividade simbólica” (LEMOS, 2005, p. 51).

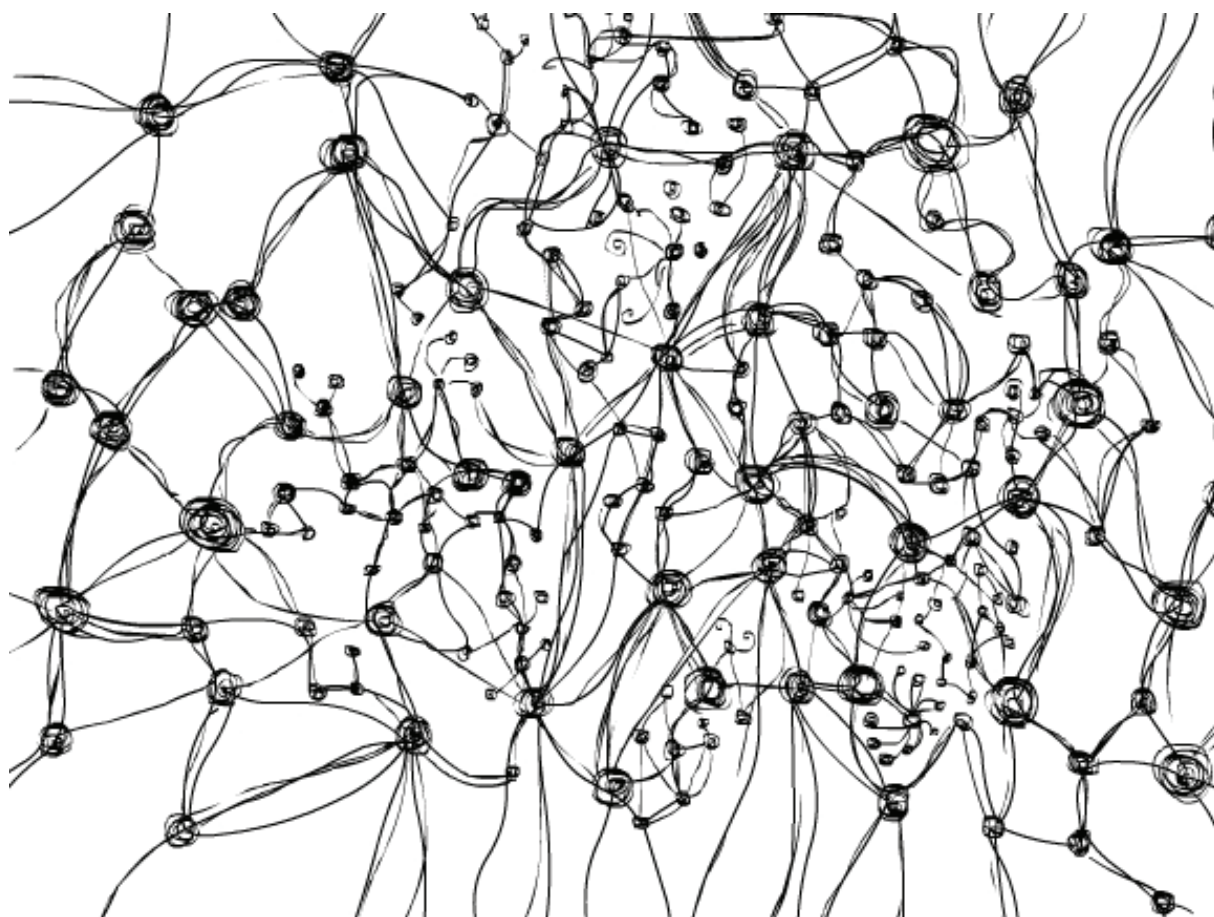
A técnica profana e sagrada transgride a ordem da natureza e transforma o mundo. Disso resulta, nos dias de hoje, em um misto de medo e fascinação, independentemente da razão instrumental moderna².

Depois da Segunda Guerra Mundial é instaurado o pano de fundo para o surgimento da cibercultura no que diz respeito à tecnologia: energia nuclear, informática e engenharia genética.

²A razão instrumental moderna refere-se ao processo de racionalização da vida social que resulta em instrumental de síntese. A tecnocultura moderna mostra suas garras, sendo formada por uma tecnociência autônoma, universal e totalitária (LEMOS, 2005, p.38)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Angélica Beatriz Castro

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Segundo Lemos ainda, o desenvolvimento tecnológico sempre esteve imerso no imaginário social. Assim ele esboça três grandes fases para a história deste desenvolvimento:

1. Fase da indiferença: mistura arte, religião, ciência e mito. Segue até a Idade Média.
2. Fase do conforto, que inicia a modernidade: a natureza é controlada, o corpo está separado da mente. A razão dirige o progresso material da humanidade.
3. Fase da ubiqüidade: é a fase da pós-modernidade, da comunicação e da informação digital. Podemos transgredir o espaço geográfico e o tempo linear.

Esta última fase é a da cibercultura.

2.3 As linguagens e a cultura digital

Além do desenvolvimento tecnológico, outro viés acompanha a história do homem e nos dá dicas importantes sobre a constituição do que chamamos cibercultura: a relação do

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

homem com a imagem. Esta forma de representação do mundo, por princípio, resulta em um plano que se utiliza da imaginação para a sua reconstrução em todas as suas dimensões espaço-temporais. E o significado obtido aglutina intenções do emissor e do receptor (FLUSSER, 2002). Com a escrita linear que deseja traduzir cenas em processos, ainda segundo Flusser, surge a consciência histórica, que é dirigida contra as imagens. “A escrita funda-se sobre a nova capacidade de codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da conceituação, que permite codificar textos e decifrá-los” (FLUSSER, 2002, p. 10).

Neste contexto surgem as imagens técnicas, produzidas por aparelhos. Estes são processos e a imagem produzida é a codificação desses processos em cenas. As imagens de cunho aparentemente objetivo e não-simbólico levam o observador a vê-las como janelas e não imagens. Podemos imaginar que o mesmo acontece com a interface hoje quando ainda estamos sedimentados na separação entre mundos reais e mundos virtuais, que veremos mais adiante. Ainda seguindo o raciocínio de Flusser, a cultura ocidental foi dividida em três ramos: a imaginação à margem da sociedade, o pensamento conceitual hermético e o pensamento conceitual barato. A necessidade de unidade é tarefa das imagens técnicas,

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

estabelecendo um código de reunificação da mesma cultura. Isso seria feito através de três propósitos: reintroduzir as imagens na vida cotidiana, tornar os textos herméticos imagináveis e tornar visível a magia subliminar dos textos baratos (2002, p.17).

Porém não foi dessa forma que as coisas se deram: as imagens, na verdade, mantiveram os três espaços, apenas mudando a sua representação. Isso se deve a uma representação imediata, sem fluidez e circularidade cultural.

Fomos buscar esta análise para ampliar o retrato cultural do período moderno, envolvendo novamente a tecnologia, a máquina, como mediadora de intenções entre sujeitos (aquele que fotografa e o outro que é fotografado, por exemplo). Flusser proclama que a saída libertária seria jogar contra o aparelho. Talvez possamos pensar em, dentro do contexto da pós-modernidade, jogar com o aparelho, inclusive porque as imagens recuperam as suas dimensionalidades, caso das imagens 3D e Realidade Virtual, por exemplo.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Carolina Zarur

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

2.4 Temporalidade física e virtual

Podemos ainda contribuir para o retrato da pós-modernidade por meio da forma como nos relacionamos com a informação ao longo do tempo. Nas sociedades primitivas onde imperava o discurso oral, a mensagem sempre era referente ao contexto onde era produzida, ou seja, dependia de uma circunscrição de espaço e tempo. Com os textos escritos temos uma separação deste espaço e do tempo, podendo a informação ser transportada para além do seu tempo e do seu espaço. Mas para que fosse entendida em outras circunstâncias buscou-se uma fixação do sentido por meio da perspectiva totalizante e universal, porém redutora da síntese. Podemos, acompanhando o pensamento de Lévy, estar caminhando para uma relação tribal e oral, porém em outra escala e demanda completamente diferente. É semelhante ou remete à oralidade pelo seu perfil de instantâneo, a co-presença em seu contexto: através da interconexão das mensagens e da veiculação permanente, pelo viés do interesse, as comunidades partilham do mesmo contexto. Mas não poderíamos nos perguntar se uma reunião em torno de um texto comum também não teria o mesmo efeito?

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

O tempo da oralidade primária é também o devir, um devir sem marcas e vestígios. As coisas mudam, as técnicas transformam-se insensivelmente, as narrativas se alteram ao sabor das circunstâncias, pois a transmissão é sempre recriação, mas ninguém sabe medir essas derivas, por falta de ponto fixo. (LÉVY, 2004, p. 84)

Não poderíamos com estas mesmas palavras nos referir ao pólo informático mediático?

A modernidade nos revela o seu modo de pensar o tempo, estabelece o seu julgamento sobre como estar no tempo e no espaço. Nesse modo está incluído o processo de racionalização da vida social. A moral estabelece-se como secular, universalista e individualista, em convergência com a sociedade industrial estimuladora do indivíduo consumidor. A dinâmica da sociedade de consumo e as influências dos meios de comunicação são, segundo Lemos, as principais razões da crise da linearidade histórica e das meta-narrativas modernas. Pós-modernidade, por sua vez, é a expressão do sentimento de mudança cultural e social em conjunção com o pós-industrialismo, ordem econômica que surgiu nos anos 50 nos Estados Unidos e Europa, somados aos movimentos de contra-cultura. A produção de bens e serviços migra para as novas tecnologias digitais, de informação (LEMOS, 2005).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

É justamente o declínio do individualismo que dá forma à pós-modernidade social. Para dar conta das relações sociais contemporâneas, não podemos falar mais a partir de uma perspectiva individualista, contratual, a partir de uma estrutura mecânica que marcou a modernidade. Pelo contrário, devemos estar atentos aos múltiplos papéis dos sujeitos sociais. Estes configuram-se como estruturas complexas e orgânicas que, sob as mais variadas formas, recusam-se a reconhecer-se em algum projeto político, em qualquer finalidade ideológica ou utópica. A preocupação é com o aqui e agora, com o presente vivido coletivamente. Podemos falar em mudança de sensibilidades, falas e práticas. (LEMOS, 2003, p. 66)

Reflexões mais duras ou mais otimistas em relação a este momento contemporâneo concordam em que a pós-modernidade é o terreno para o desenvolvimento da cibercultura. O denominador comum é uma nova forma para a relação espaço-tempo, distinta da relação moderna, onde a razão é fundamental e repousa sobre o uso de tecnologias intelectuais variáveis no espaço e historicamente datadas (LÉVY, 2004). A relação agora é espelhada no tempo real, em uma compressão do tempo e do espaço. Múltipla e variável, a separação entre sujeito e objeto, tão cara às premissas do moderno, sejam experimentadas pelos encaixes fractais de subjetividade e objetividade. São relações recíprocas.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

De passagem pelo espaço. De que espaço estamos falando? Este conceito tem muitas interpretações que, ao longo da história, foram sendo alteradas, complementadas.

O senso comum nos fala de algo nebuloso, uma espécie de base infinita das coisas, o universo das coisas. Por outro lado nos dá uma relação de intervalo, outras vezes é confundido com a idéia de lugar. De uma forma mais objetiva, “é uma extensão tridimensional, sem fronteiras, na qual objetos e eventos ocorrem e têm uma posição e direção relativas” (SANTAELLA, 2007, p. 156). Este princípio foi sendo construído por conceitos e posicionamentos dos mais diversos ao longo do desenvolvimento da humanidade.

Na Grécia antiga, por exemplo, a noção de espaço estava mais ligada à física e à cosmologia. Nelas significava lugar, no sentido de área, região, província. Não haviam sido desenvolvidas relações de espaço na matemática, um pano de fundo para a geometria. Sem querer construir um alinhamento histórico neste momento, vamos flunar sobre estas concepções com o intuito de nos prepararmos para discutir o ciberespaço.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Continuando, Pitágoras coloca o espaço como a idéia de vazio, que de alguma forma até hoje não foi definida pela física, especialmente quando não queremos dar materialidade ao espaço (o que implicaria um novo espaço para este espaço material). Surge, em um novo salto histórico entre as várias noções propostas, a idéia através da qual Gottfried W. Leibniz (1646-1716), em oposição a Descartes, o espaço não é uma substância e sim um sistema de relações em que as substâncias estão umas para as outras. Isso desemboca em duas propriedades: o ordenamento e a relação, algo como relativo a nós. Immanuel Kant (1724-1804) propaga a idéia segundo a qual os objetos não ocupam o mesmo lugar no espaço absoluto: "ele é ideal, meramente uma forma da intuição, e não pertence às coisas em si mesmas" (SANTAELLA, 2007, p. 159). Nestes caminhos todos, desde sempre, há uma relação com o tempo. Aristóteles dizia não poder haver uma concepção de movimento sem um paradigma comum ao espaço e ao tempo.

Questões sobre estrutura também expandem as discussões. A teoria da relatividade fala em um espaço gravitacional e curvo. A física quântica diz que a matéria é feita de partículas elementares e o espaço é preenchido por ondas. Ambas rejeitam a idéia de espaço absoluto fartamente defendida por Isaac Newton (1643-1727).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

No século XX, para a mecânica quântica, o espaço se torna infinitamente dimensional. Inicialmente uma ferramenta da matemática, ganhou contorno de realidade na natureza. Isso nos leva para o espaço da percepção e das experiências humanas, dando então infinitas interpretações baseadas em múltiplas facetas.

... um espaço orgânico que integra o ser humano no seu ambiente natural; o espaço perceptivo é essencial para a sua identidade como pessoa; o espaço de existência o faz pertencer a uma totalidade social e cultural; o cognitivo significa que ele é capaz de pensar sobre o espaço, e o espaço lógico lhe fornece uma ferramenta para descrever abstratamente todos os outros. (NOBERG-SCHULZ apud SANTAELLA, 2007, p. 171)

O espaço capaz de agregar todas as experiências e pensamento, segundo Relph (idem, p. 171), é o espaço arquitetônico, que nos dá a noção de nossa existência. Hoje podemos pensar na potencialização desta idéia a partir do espaço comunicativo, que envolve as redes de comunicação e a mobilidade.

Algumas vezes a experiência perceptiva do espaço, ou aquilo que Bachelard (1969) chamou de poética do espaço, pode ser tão impressionante, intensa e tocante a ponto de intoxicar os sentidos. Via de regra, entretanto,

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

são fugazes e recebidas como partes do curso natural das coisas. Isso não as torna menos importantes, pois são essas experiências pessoais do espaço que estão na base do significado que os ambientes têm para nós. (*ibidem*, p. 167).

Para pensarmos o mundo contemporâneo, somos levados a refletir sobre as transformações em relação ao tempo, ao espaço e ao próprio indivíduo. Segundo Marc Augé (1994), são figuras de excesso que definem o que chamou de supermodernidade. O tempo é entendido como a aceleração da história e sua relação com a superabundância de informação, a modalidade, é o excesso de informação. “Do ponto de vista da supermodernidade, a dificuldade de pensar o tempo tem a ver com a superabundância factual do mundo contemporâneo” (AUGÉ, 1994, p. 33) .

Quando ao espaço, a segunda modalidade de excesso, traz uma figura estranha, a correlação com o encolhimento do planeta. Quanto mais nos apropriamos do espaço, menor ficam as distâncias. As escalas mudam em um universo de imagens da informação, da publicidade e da ficção. A transformação nos leva a concentrações urbanas, transferências de população e estes rearranjos abrem a possibilidade para o que Augé chama de não-lugares, que

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

deslocam a noção de cultura localizada no tempo e no espaço. Ainda dentro deste raciocínio hoje temos um peso maior dado à referência individual, mas deveríamos pensar nas singularidades por serem antíteses dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização. Os componentes se somam.

Para o lugar, que chamou de lugar antropológico, indica três características principais: identitário, relacional e histórico. Tal conjunto mostra uma estabilidade mínima. Aqueles que não são identificados dessa forma são os não-lugares. O espaço se atualiza no lugar.

“O termo espaço, em si mesmo, é mais abstrato do que o de lugar, por cujo emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico)” (AUGÉ, 1994).

Levamos em conta não somente os fins dos espaços ditos de não-lugares, mas a relação dos indivíduos com estes lugares. Dessa forma percebemos que há um jogo que permite a co-existência entre espaço, lugar e não-lugar; todos são constituintes deste espaço contemporâneo. Já para Bauman, não-lugar é um espaço destituído das expressões

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

simbólicas de identidade, relações e história, onde não há domínio da civilidade (2001, p. 120). Coloca a fluidez como principal metáfora deste momento que vivemos. Há uma relação cambiante entre o espaço e o tempo.

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo [...] não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-las. [...] Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. (BAUMAN, 2001, p. 15)

O que parece transparecer neste percurso pelas relações de espaço é que os modelos que temos, estruturados em um mundo sólido, biocorporal, onde a realidade é dada por objetos estáveis, visíveis e comuns (BOCCARA, *in* LEÃO, 2005), não se sustentam frente ao espaço comunicativo e todas as suas potencialidades. Recuperando as questões quânticas podemos fazer algumas analogias interessantes.

Na perspectiva da física quântica, no mundo subatômico, não existem objetos da maneira como nossos sentidos apreendem, empiricamente garantidos, pelas noções de continuidade, descontinuidade e de limites, conseqüentemente da *forma*. (BOCCARA, *in* LEÃO, 2005, p. 119)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Marcelo Tim

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

2.5 Cibercultura – modo de vida

Estamos tentando sempre tornar visível e tangível o invisível. Por outro lado, ainda nos ambientes quânticos, podemos buscar a idéia de multiplicidades de planos ou realidades paralelas, em uma construção parecida com os platôs de Deleuze e Guattari. Na teia tecida pela veiculação de informação nas redes telemáticas, vamos encontrar pontos de apoio e tangência material nos meios de retenção e processamento da informação por meio de equipamentos – da interface, por exemplo – e pelas formas significantes. Estamos ancorados na dependência do observador e na potencialização virtual onde podemos nos estender em qualquer direção, sem um limite de profundidade e sem forma definida, fazendo uso das probabilidades que se realizam a partir das conexões.

O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo. (LÉVY, 2003, p. 17)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Podemos pensar então em interface, interatividade e rede de informações. Voltemos ao início, a palavra *cyber*, prefixo do grego *kubernan*, significa dirigir, governar. Como controle e mecanismos de *feedback* foi utilizado por Norbert Wiener (fundador da cibernética) e tomou o sentido que tem hoje a partir do livro *Neuromancer* (1984), de Willian Gibson, em que é descrito como uma rede de informações dirigidas por interfaces (BRAGA, *in* LEÃO, 2005).

Os computadores não são os centros, são nós, lexias, componentes da rede uma vez que cada vez mais independentes de suportes porque, segundo Lévy, estamos estabelecendo espaços virtuais de trabalho e de comunicação que são descompartmentalizados (LÉVY, 2003).

A cibercultura, neste contexto, reúne um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas e atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (*idem*, p. 17).

Estamos falando de uma convergência entre tecnologia e o modo social, sem nenhum caráter determinista de sobreposição, mas de uma simbiose com apropriações das mais

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

diversas em um espaço-tempo em absoluta transformação. “A cibercultura não é uma cibernética da sociedade, mas a tribalização da cibernética” (LEMOS, 2003, p. 90).

Este caminho, das ruas que transforma a tecnologia, abre espaço para invenção do cotidiano em uma prática da convivência, da colaboração, possibilitando inclusive aquilo que Lévy chama de inteligência coletiva que produz coletivos inteligentes. Tecendo assim, segundo ele, o coletivo misto, impuro, sujeito-objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e de todo pensamento. (2004, p. 11).

Partindo da idéia de que uma cultura inclui a gestão social daquilo que foi gerado por ela, como imagens, idéias, enunciados, podemos encontrar nessa gestão algo sobre o pensamento coletivo. Este pensamento potencializado pela condição da cibercultura leva a uma multiplicidade conectada porque sempre contém muitas outras tecnologias intelectuais. Agenciando a coletividade, podemos expandir as expressões cognitivas e culturais e transbordar em coletivos inteligentes na constante reorganização do nosso cotidiano.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

No futuro, irá tratar-se muito mais de gerenciar processos: trajetos e cooperações. As diversas competências adquiridas pelos indivíduos de acordo com seus percursos singulares virão alimentar as memórias coletivas. (LÉVY, 2003, p. 174).

A construção de sentido é constituída a partir de totalidades parciais, a partir de critérios pertinentes, mas não temos solidez e volume, temos mobilidade, mutações e devires. Um saber fluxo dependente da transação de conhecimentos. O maior exemplo de rede, podemos dizer, é a internet. O seu fator de mobilidade, o hipertexto. A condição de mobilidade do corpo inclui a nanotecnologia e as interconexões flutuantes no espaço, as quais tornam qualquer espaço conectável. Ubiquidade, tempo real, interconexão que são expressos por interatividade, simultaneidade, circulação e taticidade e potencializados pela velocidade. No efêmero, volátil, anônimo, é imigrante na sua própria cidade, corpo e subjetividade (LEMOS, 2003). Talvez, lembrando Baudelaire, um flâneur de si mesmo, um viajante de passagem.

O interessante em tudo isso é que a cibercultura tem sua base na microinformática, que é uma ciência de produção, organização, armazenamento e distribuição onde a informação

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

é traduzida em bits, ou códigos binários, dos tipos 0 e 1. Esta origem hiperquantificada e racionalista a leva a traduzir a natureza, e não mais representá-la, pelas tecnologias digitais. A apropriação dessas condições, de forma menos especializada, pelo desenvolvimento de programas e interfaces amigáveis, nos torna menos especialistas, mais amadores e detentores de uma ordem estética. Somos intérpretes. Podemos pensar que, juntando os excessos indicados por Augé a esta simbiose entre tecnologia e sociedade, inscrevemos uma estética barroca (LEMOS, 2003), na profusão e no exagero de imagens. Da mesma forma carregamos neste espaço cultural, entre as polaridades a ele pertencentes, aquela idéia de magia e sagrado que nos referimos ao falar da evolução da técnica. Na verdade este ambiente cultural é carregado de medo e fascinação, instaurando junto ao barroco a dramaticidade necessária. Talvez por isso não perdemos a idéia de áurea, mas a transformamos; ela já não existe pela singularidade, desbancada pela reprodutibilidade técnica de Benjamim, mas pela ubiqüidade que propaga e repete a imagem, incluindo simulacros e simulações. Não há neutralidade. Por quê? Porque, lembrando Arthur Rimbaud: eu é um outro (*apud* AMERIKA *in* LEÃO, 2005, p. 143).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

[...] existe comunicação espectral quando aqueles que dela (sobre redes telemáticas) participam a podem fazer ficando eventualmente, parcialmente e provisoriamente, sem nome, sem identidade definida, escapando aos constrangimentos da identidade. (GUILLAUME, 1982, p. 23, *apud* LEMOS, 2003, p. 107)

A cibercultura traduz uma universalidade sem totalidade (LÉVY, 2003), onde o universal diz respeito à idéia que todos podemos nos banhar no rio, mas para cada um de nós é uma experiência única porque não podemos nos banhar nas mesmas águas duas vezes.

Longe de deslocar o motivo da tradição, a cibercultura o inclina em um ângulo de 45 graus para dispô-lo na sincronia ideal do ciberespaço. A cibercultura encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial, da transmissão. Só encadeia no tempo por acréscimo. Sua principal operação é a de conectar no espaço, de construir e de estender os rizomas do sentido. (LÉVY, 2003, p. 249).

Podemos estar construindo um real sem origem na realidade como Baudrillard defende, mas é fato que as novas tecnologias já nos ocupam, são onipresentes ou podemos reconhecer onde começam ou terminam? Somos receptores e potenciais emissores de uma relação

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

de fluxo de mensagens planetária, multimodal. Segundo Lemos (2005), encontramos na cibercultura uma solução particular do conflito entre sujeito e objeto, entre a tecnologia escravizante e a reação social. “Formamos um ecossistema complexo com nossos objetos técnicos” (LEMOS, 2005, p. 261).

Penso que podemos, talvez não nós, mas as gerações futuras, entender a cultura e a cibercultura, nesta idéia de ecossistema, como uma única cultura, um traço cultural inerente ao homem nas suas construções. Recuperamos aqui as arquiteturas líquidas de Marcos Novak e retomamos a idéia de que a arquitetura é o espaço capaz de agregar todas as experiências e pensamentos, agora um espaço inteligente permeado de nanotecnologia e que ajudará a transformar a experiência visível do espaço.

Em 50 anos, certamente teremos espaços sensorizados, onde supercomputadores micro-robotizados nos permitirão inverter uma das imagens mais emblemáticas de Win Wenders, a do anjo que circula entre as pessoas na cidade ouvindo suas conversas, em *Asas do desejo*. Num futuro próximo, nós é que escutaremos o invisível.³

³Palavras de Novak = retiradas da apresentação feita por Giselle Beiguelman no site do projeto Brasmitte da vinda de Marcos Novak para o evento Brasmitte. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak_sp.htm> Acesso em: 28/05/2008.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

2. Cibercultura e Transitoriedade

Duas, entre tantas questões, vou deixar flanando neste final de capítulo: a mobilidade nos faz nômades ou locais? Somos andarilhos, mas levamos nossas conexões na mochila. Isso nos faz locais onde quer que estejamos?

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

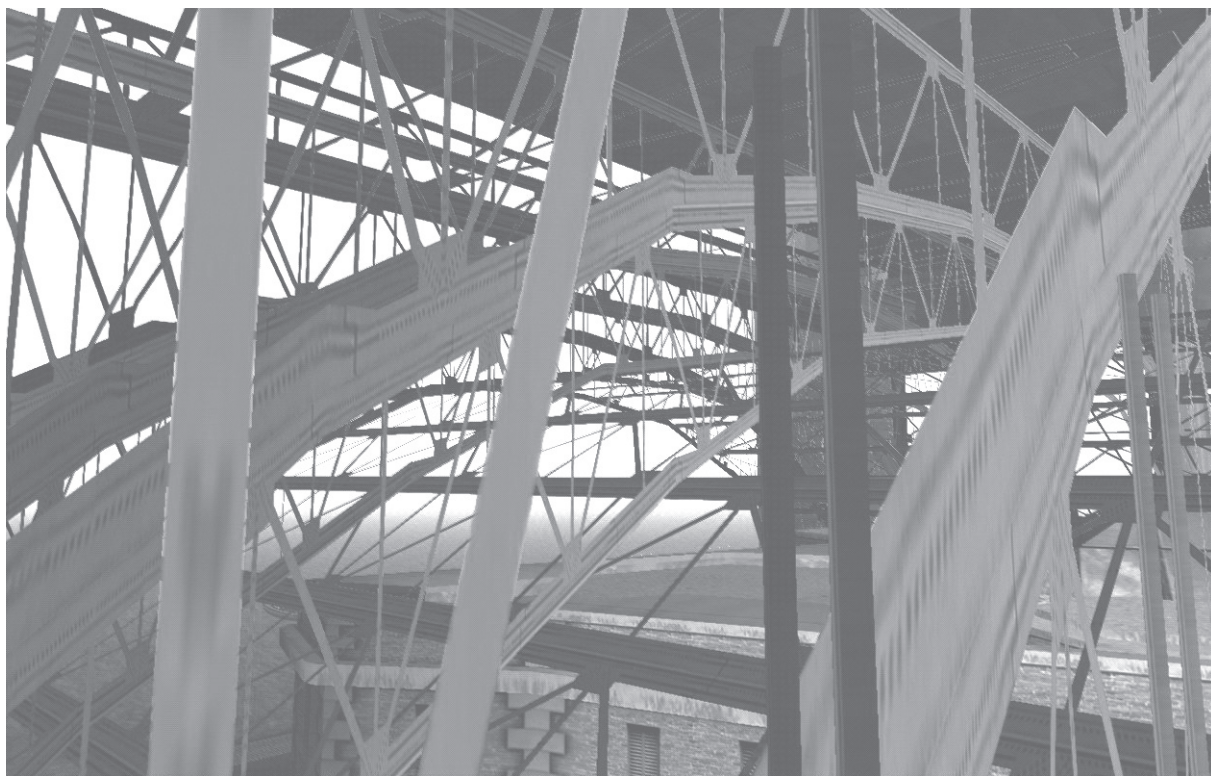
Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

A universalização da cibercultura propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional. Neste sentido, ela é complementar a uma segunda tendência fundamental, a virtualização. (LÉVY, 2003, p. 47)

Algumas coisas nos vêm à cabeça, de imediato, quando pensamos em virtual. A idéia mais comum é aquela segundo a qual o virtual é algo que não é real ou ainda algo que remete à tecnologia e aos computadores. Qualquer uma delas nos leva a pensar em mundos separados: no que pertencemos e naquele ao qual o virtual pertence. Talvez para as novas gerações a relação com o virtual seja tão simples que nem sequer será uma questão, muito menos uma separação entre dois mundos. Nesse contexto, não excludente, estabelecemos

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Valenciá

IZABEL MEISTER

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

o campo onde gostaríamos de discutir este tema, abraçando uma zona mais sofisticada de realização, do subjetivo e hipersensorial, em uma perspectiva de resultados transitórios. Menos para formular conceitos, mais para construirmos relações para a organização dos elementos que constituem este trabalho.

3.1 Virtual, o seu próprio campo de experiência

A palavra “virtual” surge no século XVIII para descrever a imagem refratada e refletida de um objeto no campo da óptica. No século XIX é criado por físicos o conceito de “velocidade virtual de partículas” (subatômicas). Nos anos 70 chega à informática pelas mãos da IBM por meio de um produto-conceito chamado “memória virtual”, porém ganha o status que tem hoje quando do desenvolvimento de mundos artificiais a partir de imagens de síntese, segundo a qual podemos vestir capacete e luvas e vivenciar uma situação única de imagens e sons.

Para explicar este universo do mundo virtual, Pierre Lévy nos coloca sua perspectiva a partir da raiz da palavra: *virtus*, que significa força, potência, *virtualis* e, por fim, *virtual*. A partir

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

desse conjunto define virtual como o que existe em potência e não no ato, latente. Essa concepção inclui como resposta a atualização, que exhibe uma solução a um problema que não estava no enunciado, a invenção da resposta. Não é um antagonismo, de um lado virtual e do outro atual, e sim um estado de relação. Explicando melhor, é uma solução gerada a partir de um problema inicial, mas cuja resposta não recai sobre esse problema e sim sobre um enunciado novo, a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades, que se formalizam em novas idéias e qualidades que alimentam o virtual. Se fosse uma resposta imediata a um problema inicial teríamos uma relação de causa e efeito que desemboca no real. Ele existe a partir das possibilidades, o atual responde ao virtual, sem nenhuma semelhança entre os dois. Quando pesquisamos um assunto colocando palavras em um software de busca, como Google, por exemplo, ele nos devolve uma relação de elementos conectados que nos trazem outras questões e, no mínimo, temos que usar a imaginação, a memória, o conhecimento e outros vetores da virtualização para escolha de qual opção e a interação e o ambiente resultante desta escolha – esta página escolhida responde ao virtual trazendo uma atualização que não necessariamente é resultado da pesquisa inicial, e mesmo se fosse, envolve outros elementos e questões ali geradas, incluindo a relação subjetiva que temos com o que nos é apresentado na interface.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

Quando o senso comum fala em virtual como oposto ao real, nos indica uma pista importante em relação à virtualização: o fato de não estar presente. Este presente refere-se a um presente geográfico, o desprendimento do aqui e agora (LÉVY, 2001). Agora, talvez, mas em qualquer lugar, poderíamos dizer. Esta possibilidade da não-presença da virtualidade por um desprendimento espacial pode ser representada pela sincronização (chats, transmissão via vídeo e voz por skype, por exemplo), que está para a unidade de lugar assim como a interconexão está para a unidade de tempo. Esta interconexão é o que evita o isolamento e que acaba, segundo Lévy, nos conduzindo ao espaço envolvente o qual se torna um canal interativo.

A potencialidade virtual existe nas estruturas de nossos pensamentos, da nossa realidade, porque nos permite lidar com a ambigüidade e as diversas interpretações das nossas expressões culturais, dando lugar à manifestação da complexidade e das contradições das nossas mensagens, nos fornecendo condições de interagir em diversas camadas e nas múltiplas dimensões da vida. O que faz com que esta potência virtual se torne um dos pilares do discurso em torno das condições socioculturais de hoje, especialmente quando se baseia nas relações com o ciberespaço, de forma pontual através da internet, é o fato

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

de que a experiência de interagir através de uma tela onde encontramos uma composição audiovisual, textual e oral é a sua própria experiência. Ela não tem uma outra origem anterior, ela é a sua própria origem e seu campo de experiência.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. (LÉVY, 2003, p. 49)

Somente quando é ativado o código binário – presença/ ausência da informação (presença/ ausência de luz) –, temos a comunicação estabelecida e a socialização da mensagem. Para que ela tenha sentido não pode prescindir do sujeito. “A realidade é subjetiva e só é conhecida se experienciada pelos indivíduos” (PINK, 2007, p. 24)¹.

Ainda seguindo essa idéia, podemos incluir a noção de estar junto, o devir outro em um processo de transformação do outro. Dentro deste aspecto podemos marcar limites claros somente no real; quando falamos de virtualização, colocamos a relação de limitação em outro patamar, flexível, porque é inerente à problemática, ao deslocamento do ser para a

¹... reality is subjective and is known only as it is experienced by individuals. Tradução livre da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

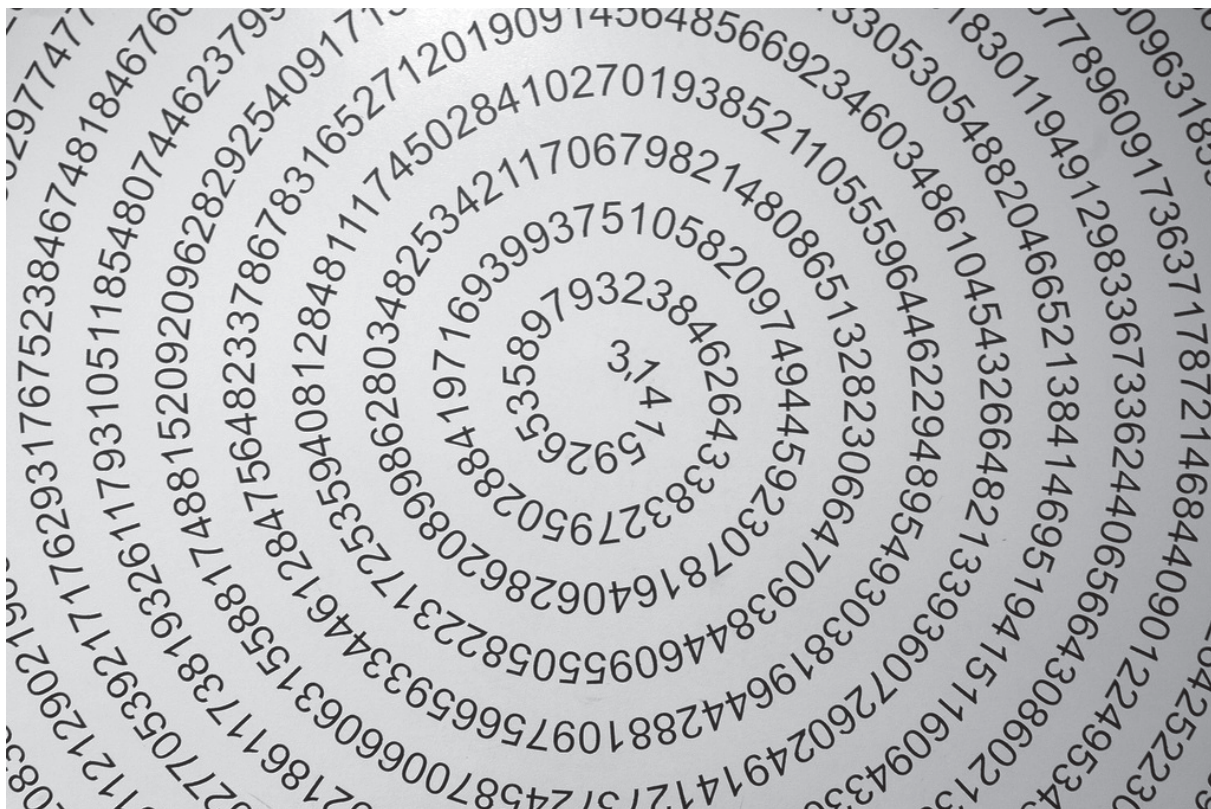
3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

questão, ainda segundo Pierre Lévy (2001). “A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do nós [...]” (LÉVY, 2004, p. 11).

Podemos relatar quatro dimensões que compõem aquilo que chamou de macro-psiquismo social, inerente à inteligência coletiva (p.68):

1. uma conectividade (ou espaço) em transformação constante fazendo associações, vínculos e caminhos;
2. uma semiótica que retrata as imagens, os signos de todas as formas e de todas as matérias que circulam no espaço das conexões;
3. uma axiologia ou “valores” que determinam tropismos positivos ou negativos, qualidades afetivas associadas às representações ou às zonas do espaço psíquico;
4. uma energética que especifica a força dos afetos ligados às imagens.

Essas dimensões resultam em ações sobre a conectividade, criando, barrando ou filtrando as informações; resultam em criação ou modificação das representações, imagens, reformulando a linguagem; também resultam em criar, transformar ou manter movimentos,



3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

valores, os afetos sociais; bem como aumentar, diminuir a força dos afetos ligados à representação em curso, em circulação. A riqueza social acaba sendo uma dinâmica inerente ao processo de circulação e, de alguma forma, é necessário percebermos que a virtualização é a resposta a um problema (LÉVY, 2001). “A invenção suprema é a de um problema, a abertura de um vazio no meio do real” (LÉVY, 2001, p. 94).

3.2 A espiral que nos conecta

O acontecimento virtual é um processo amplo e aberto, abarcando aspectos das mais diversas regionalidades humanas, como as sociopolíticas, da educação, da economia, onde as interações sociais se reconfiguram.

Podemos ainda incluir outro aspecto nesta reflexão: a possibilidade de vários registros, que se alternam em seu posicionamento e que contribuem para o caráter heterogêneo e de acolhimento da alteridade. Esta passagem do exterior para o interior e vice-versa pode encontrar no Anel de Moebius² a melhor representação, por sua demonstração da descontinuidade e continuidade do espaço, em um constante devir da forma, em um exercício de relativização que muito nos interessa.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

O anel constitui a conectividade da face interna com a externa de uma fita contínua. Ao fazermos um corte longitudinal, temos um anel duplamente entrelaçado e que, em operações sucessivas de cortes, pode ser multiplicado ao infinito, constituindo-se em uma complexidade visual e de percurso. “Não há topologia mais bela que a de Moebius para designar essa contigüidade do próximo e do distante, do interior e do exterior, do objeto e do sujeito na mesma espiral” (BAUDRILLARD, 1991, p. 25).

Podemos buscar uma comparação entre o hipertexto e esta expressão da topologia: o hipertexto existe a partir da sua capacidade de conexão entre informações. Quando, por meio de links, estabelecemos as relações, estabelecemos as continuidades em um mar de descontinuidades (informações). A cada movimento de corte, novas conexões se estabelecem, em um espaço não orientável, polidimensional e amorfo, o ciberespaço. São multiplicidades de planos em estado crescente, dependentes do ato de mediação, a conexão.

Em contrapartida a idéia do anel de Moebius, na discussão da topologia, traz para a forma um estado de permanência latente porque reforça a idéia de que mesmo sofrendo

² Uma faixa, ou anel, de Moebius é um espaço topológico, de superfície, obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar torção em uma delas. Deve o seu nome ao matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Moebius (1790-1868), que a estudou em 1858. Segundo Boccara (in LEÃO, 2005) o anel resolve topologicamente a dualidade conceitual da forma por meio das características de descontinuidade e continuidade do espaço. Segundo Maria Cândida Moraes a fita constitui uma boa metáfora do movimento recursivo do chamado efeito Moebius, ele descobriu como a linearidade pode, às vezes, nos enganar. A passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior, o das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor, etc.(1997)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

transformações há uma base que permanece (segundo a topologia, podemos deformar um objeto – esticar ou comprimir, mas não fazer cortes ou remendos – e as propriedades geométricas serão constantes). Esta base, poderíamos pensar, seria a relação contextual em que se dá o acesso ao nó de informação, onde estará conjugada a relação com o sujeito e o seu contexto pontual (aquele que o leva a fazer tal conexão), ancorada então na idéia de local, não como espaço físico no plano material, mas como realidade. “Uma outra realidade mais veloz que a luz” (BOCCARA *in* LEÃO, 2005, p. 117).

Nos meios convencionais temos uma separação clara entre emissor e receptor, ao contrário do que encontramos no ciberespaço. Aqui as pessoas se conectam por centros de interesse e desenvolvem uma rede de informação, construindo um contexto de forma cooperativa. Nas formas clássicas de comunicação esta possibilidade não existe porque nós estamos afastados dos dispositivos de conexão, É um contexto imposto, sem negociação transversal. No contexto do ciberespaço há um estoque que é ampliado, modificado e reorganizado, citando Lévy,

Hoje, a informação disponível on-line ou no ciberespaço em geral compreende não apenas o ‘estoque’ desterritorializado de textos, de imagens e de sons habituais, mas igualmente pontos de vista hipertextuais sobre esse estoque, [...]. (LÉVY, 2001, p. 115)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Carlessólis

IZABEL MEISTER

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

3.3 Virtual como parte de um ecossistema

Podemos dizer, então, que toda a relação não se dá apenas no campo da virtualidade e sim dentro de um sistema, ou ecossistema, como veremos mais adiante, que inclui as possibilidades, o real, o virtual, o atual, e todos os demais elementos que constituem e interagem no próprio sistema, inclusive o sujeito, sendo o campo natural para discutir transdisciplinaridade e pensamento complexo. Por mais simplificada que seja a sua superfície, e por maior que seja a sua capacidade de integração de formas de expressão, o sujeito deve compreender a sua lógica, a sua linguagem, seus pontos de entrada, a sua codificação e decodificação. (CASTELLS, 2006)

Em outras palavras o virtual somente é atualizado quando em contato com a atmosfera, em contato com o oxigênio. A partir deste contexto podemos explorar outras posições sobre o virtual. Podemos indicá-lo como sendo uma realidade mista, segundo Hansen, resultante das novas possibilidades da virtualidade e da arte experimental³ (2006), que facilitam as nossas representações tridimensionais, mais próximas da forma como vemos o

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

mundo e tornam em algum momento o espaço de informação em algo ativado, revelado, organizado e re-estruturado por nossas intervenções, mesmo sendo originário de uma simulação. O espaço tridimensional é mais intuitivo.

Experimentamos uma abstinência de representação, passando por uma experiência mais imersiva, mais intuitiva (facilitada pela tridimensionalidade), enraizada em uma perspectiva da atividade perceptiva e motora em constante afinação com as tecnologias, em um processo incessante. Toda a realidade, não só a virtual, é uma realidade mista, afirma o autor. É um processo que se atualiza, movendo-se no tempo, e trazendo acontecimentos que geram particularidades; assim geramos substâncias, o aspecto tangível da virtualidade. Em algum momento podemos ter algo de real, material advindo da virtualidade, a sua realização resultante de uma seleção. Nem sujeito nem objeto são substâncias, são nós flutuantes de acontecimentos, segundo Lévy (2001), que se interfaceiam, se envolvem de forma recíproca. É um mundo leve, complexo e rápido, onde, segundo Bauman, a irrelevância do espaço é disfarçada pela aniquilação do tempo, que tem a sua duração desvalorizada na modernidade líquida (2001).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software é também um tempo sem conseqüências. 'Instantaneidade' significa realização imediata, 'no ato' – mas também exaustão e desaparecimento do interesse. (BAUMAN, 2001, p. 137)

Segundo Bauman, ainda, o corpo acaba sendo o único abrigo da continuidade e da duração, da longevidade. Isso pode nos levar a uma reflexão interessante quando adicionamos a este contexto a questão da mobilidade proveniente do desprendimento de um computador fixo para o uso dos elementos do ciberespaço de forma nômade. A transitoriedade se dá em gestos de atualização por um espaço conhecido (arquitetônico) sobre um espaço virtual (uma outra arquitetura), a última fronteira conhecida, poderíamos dizer, é o corpo.

Na perspectiva apresentada por Santaella o nômade da rede prefere, apesar de conhecer os pontos de ancoragem, o movimento dos caminhos entre os pontos.

São os caminhos que importam, pois a vida nômade pressupõe estar sempre no meio do caminho. Os espaços nômades são lisos, pois os caminhos também são móveis, apagam-se e deslocam-se na trajetória sem pouso. (2007, p. 235)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

Somos levados a resgatar a idéia dos platôs e do rizoma, que não começa e não conclui, ele está no meio. Condição, segundo Delleuze e Guatarri (2007), pela qual no movimento transversal, o meio não é uma média, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Podemos ainda ampliar esta afirmação buscando nas palavras de Marcos Novak⁴ que nos dizem ser a transição do espaço real para o ciberespaço melhor entendida quando analisamos a atividade humana que combina ciência com arte, o mundano e o espiritual, o contingente e o permanente: a arquitetura. No ciberespaço, qualquer informação e dados podem ser arquitetônicos e habitáveis, mas resultantes de uma arquitetura líquida, onde não são desenhados objetos, mas princípios, variáveis, os quais geram objetos em relação ao tempo (NOVAK, 1991, p. 223, *apud* SANTAELLA, 2007). Portanto,

Como os fragmentos não são fixos e representações conflitantes não precisam ser resolvidas, o mundo descrito na tela é fluido, como construções da realidade mudam de acordo com novas perspectivas e informação. (COOVER, 2004, p. 22)⁵

Estamos buscando compreender aquilo que denota algo como virtual e suas configurações (culturais, sociais, etc.). Podemos, então, nos apropriar de uma relação mais expandida

⁴Encontramos Marcos Novak grafado desta forma ou como Novac. Seguiremos a primeira grafia.

⁵As the fragments are not fixed and conflicting representations need not be resolved, the world described on the screen is fluid, like constructions of reality they change with new perspectives and information. Tradução livre da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

feita por Lev Manovich (2001), que busca mapear diferenças antes que elas sejam cristalizadas por seu uso e sejam perdidas as suas origens. Algo como mapear o presente e não olhar para o futuro, com os conceitos já sedimentados, para então tentar marcar as diferenças. Segundo Manovich, a cultura digital não lida somente com a emergência de novas formas de cultura. Portanto, devemos pensar se isto é importante: como são modificados, redefinidos os eventos culturais já existentes, como a fotografia e o cinema? Como é redefinida a natureza das imagens estáticas ou em movimento? Qual é o efeito sobre as linguagens visuais usadas em nossa cultura? Quais serão as novas possibilidades estéticas disponíveis para nós? (2001, p. 9)

Nesta ampliação do espectro percebemos que constituímos um ecossistema e não vivemos em dois mundos separados. O ciberespaço pode ser caracterizado por três de suas principais propriedades: a interface, a interatividade e a rede de informações (BRAGA, *in* LEÃO, 2005). Essas propriedades são as pontes por onde circula o caráter transitório que busco esboçar neste trabalho.

Para começar a falar em interface vou me inspirar em Sergei Eisenstein, que faz uma indicação que podemos trazer para a leitura do nosso tempo: ele nos propõe a idéia de

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

que o cinema permite colocar dentro do quadro aquilo que a fotografia, por exemplo, não enquadra. Ela trabalha com a expectativa do corte pelo enquadramento e a paisagem “extra muros” só é desenhada no campo do imaginário. Enquanto o filme pode revelar este contexto a qualquer instante trabalhando sobre dois movimentos diferentes, o primeiro é contínuo, fixação do tempo real, o segundo é descontínuo, articulador dos tempos e da narrativa, resultado da montagem “[...] cada fragmento de montagem já não existe mais como algo não-relacionado, mas como uma dada representação particular do tema geral, que penetra igualmente todos os fotogramas” (1990, p. 17).

Podemos pensar na interface, que nos oferece uma visão, um ato de semi-revelação e semi-ocultamento, segundo Steven Johnson (2001).

A interface, segundo Johnson, é a síntese de elementos fragmentados em um todo coeso por um lado e, por outro, refere-se à idéia de algo sintético que substitui a representação do real. Prefiro um olhar menos de síntese, mais de pensar a interface como um meio de organização dos signos em uma relação lógica e comunicativa (BRAGA, *in* LEÃO, 2005). Podemos dizer que é a camada que dá visibilidade e presença à interatividade, que

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

codifica e decodifica a informação. Emerge na busca da construção de sentido, na relação do navegador com a informação, não com o objeto.

A palavra interatividade está nas vizinhanças semânticas das palavras ação, agenciamento, correlação e cooperação, das quais empresta seus significados. Na ligação com o termo ação, a interatividade adquire o sentido de operação, trabalho e evolução. Da sua ligação com agenciamento vem o sentido de intertrabalho. Na vizinhança com o termo correlação, a interatividade ganha o sentido de influência mútua e com o termo cooperação adquire os sentidos de contribuição, co-agenciamento, sinergia e simbiose. (SANTAELLA, 2004, p. 153)

A interatividade é baseada, segundo Lemos (2005), em uma ordem mental, simbólica e imaginária, que estrutura a própria relação do homem com o mundo, impregnando inclusive a concepção das interfaces e da própria interatividade. Esta só toma sentido por um processo não-linear dos conteúdos, o hipertexto, impossível sem a intervenção do usuário, em uma conexão em tempo real, imediata e viva.

Neste hipertexto planetário que é o ciberespaço, a prática do espaço também é muito interessante. Nesse sentido, podemos aproximar a

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Artillero

IZABEL MEISTER

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

flânerie pelo espaço urbano da navegação hipertextual. A prática do cibernauta é muito próxima da flânerie descrita por Baudelaire no século XIX. Trata-se, em ambos os processos, de um rearranjo do espaço através de um modelo de conexão generalizada, descentralizada cujo ponto de partida é constantemente deslocado e atualizado através de uma atividade de errância. (*ibidem*, p.124)

Outro elemento importante neste contexto é a imersão, ou seja, um olhar sem julgamento, como o *flâneur*, jogando com o espaço constituído, na busca de pequenas histórias. É um se sentir dentro. Segundo Santaella, “a leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis” (2004, p. 175). Conjugamos hoje uma forte relação com a comunicação planetária cujo ápice é a realidade virtual (LEMOS, 2005, p. 114).

3.4 Realidade virtual e mobilidade

Vamos em direção a uma interface zero, a uma simbiose completa, cujo exemplo maior é a realidade virtual [...] (LEMOS, 2005, p. 113).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

Como quase todas as questões do ciberespaço, a realidade virtual tem seu início em pesquisas militares: a construção de simuladores de vôos para treinamento de pilotos, no final da década de 70. Resultou da convergência da ciência da computação, da neurologia, da psicologia e da ótica. Partindo desta idéia Morton Heilig cria o que chamou de Sensorama, em 1962, um passeio de motocicleta por uma Manhattan virtual. A pessoa, em uma motocicleta parada, era levada a viver este passeio através de imagens projetadas em uma tela, dos sons e ruídos, dos cheiros e odores. Nos anos 80 a NASA anuncia a exploração pública da realidade virtual, mas foi o jogo RB2: *Reality build for two*, criado por Jaron Larnier e Thomas Zimmerman da VPL – no qual duas pessoas usando capacetes e luvas compartilham um universo de imagens – que populariza a realidade virtual. Hoje ainda dependemos dessas próteses para tornar o corpo uma interface com o computador. É a melhor expressão da definição contemporânea de transparência, resultado da ilusão da tridimensionalidade e da capacidade de interação, constituindo um minidrama para cada objeto (BOLTER, GRUSIN, 2000) "... a relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial" (HEIDEGGER, 2006, p. 137).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

A realidade virtual nos dá condições de estabelecer uma migração do corpo real para o mundo de pura informação (LEMOS, 2005), que pode ser modificado pela interação direta e corporal através da navegação, trajeto pelo fluxo de navegação, e da interação, imersão, quando nos sentimos pertencentes a uma realidade.

Enquanto o cinema mostra a realidade ao público, o ciberespaço dá um corpo virtual, um papel a cada um. A imprensa e o rádio falam, o teatro e o cinema mostram, o ciberespaço incorpora (*embodies*). (RHEINGOLD, *apud* LEMOS, 2005, p. 156)

Segundo essa idéia de incorporação, duas posições são levantadas por Hansen (2006): de um lado temos a idéia de que a observação do corpo deve incluir o modo como falamos, como gesticulamos, as mudanças de sentido. Cada sinal deve ser analisado para ajudar a gerar um estado sensível. Por outro lado podemos, a partir de uma matriz de *pixels*, criar qualquer imagem, qualquer forma que desejarmos. É uma região ativada, um espaço hipersensível. Podemos enxergar na circunscrição destes dois pólos, em um extremo, a idéia de uma fluidez entre o corpo humano e o computador, com extensão levando em conta os sinais corporais e de expressão do ser humano. No outro extremo, constituindo

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

também a idéia de informação, do ciberespaço e da ubiqüidade, está o que Hansen chama de espaço "vestível" – *wearable* – resultado da superposição dos dois pólos. Ele emerge do entrelaçamento do corpo e do espaço arquitetônico, o qual entendo como espaço construído e natural, todo o tecido urbano. "[O] espaço se torna vestível quando a sensibilidade incorporada passa a ser o operador da espacialidade"⁶ (2006, p. 175).

Temos aqui uma moldura incorporada da informação, ou seja, o espaço representado pela arquitetura contém a arte de emoldurar o tempo, lugar antes ocupado pelo cinema. A textura urbana que carrega todas as outras imagens, segundo Bernard Cahe (*apud* HANSEN, 2006). Quanto mais desterritorializada e digital for a arquitetura, mais o corpo se torna a moldura da informação espacial, como fonte da sua autonomia ou interioridade. Esta arquitetura que propicia ao corpo a sua melhor relação com a informação pode ser comparada àquela que Marcos Novak chama de espaço inteligente, baseado na nanotecnologia, e que vai nos permitir uma nova visão do próprio espaço, a partir dos excessos de possibilidades.

A realidade virtual devolve ao corpo o lugar central na percepção do mundo, as sensações produzidas neste ambiente são vivenciadas diretamente pelo corpo para então serem

⁶"Space becomes wearable when embodied affectivity becomes the operator of spacing." Tradução livre da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

reveladas como emoções, informações, ações, reações. Segundo Hansen (2006), o espaço, cheio de informações, é ativado, revelado, reorganizado e re combinado, adicionado e transformado pelos navegadores, é um espaço real. Podemos dizer que o corpo é um sensor de mudanças, é o tradutor (eu diria até intérprete) do virtual. Pensando de forma mais ampla, o espaço em rede, de fluxos, é constituído de nós que se estruturam a partir da conexão e das atividades. A partir das interfaces móveis e do acesso a esse espaço de fluxos a mobilidade ganha importância e escala. Podemos, ao nos movermos no espaço urbano, nos conectar de forma local ou remota. A interface não é mais estática, agora ela é tão móvel quanto móvel for o navegador, são duas mobilidades que se entrelaçam. É o deslocamento sobre o deslocamento que gera novos pontos de fuga e diferentes pontos de observação, os nós são móveis e novas tramas são tecidas na ordem social, em uma apropriação mais atualizada dos coletivos inteligentes, que agora podemos chamar de redes sociais. Já começamos a sentir os efeitos da computação ubíqua, vestível e pervasiva (SANTAELLA, 2007). "Todo ato é virtualmente produtor de riqueza social via sua participação na inteligência coletiva." (LÉVY, 2001, p. 69)

Podemos perceber realmente um misto de realidades, a virtual se desloca pelo espaço no qual também nos deslocamos, uma vez que ela vai conosco através dos aparelhos

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

3. Virtual, uma perspectiva de resultados transitórios

móveis que nos mantêm conectados. Portanto temos camadas de realidade que se misturam e preenchem nossas memórias, nossas histórias de verdades (ou incertezas) reais e virtuais. A mobilidade pode transformar os não-lugares em lugares, especialmente se entendermos lugar como um espaço cultural, palco para interações sociais (SOUZA E SILVA, *in* PARENTE, 2004)? Ou seja, lugares onde as redes sociais se corporificam, onde a arte midiática intervém?

Devido à arte midiática, o circulatório 'espaço de fluxos' se torna novamente um 'espaço de lugares', visto que as instalações que intervêm nos espaços públicos convidam os cidadãos a parar e perceber o espaço urbano de diferentes maneiras.[...] Além disso, a possibilidade de interação com usuários remotos, associada ao poder de controlar remotamente a arquitetura urbana, transforma o espaço da cidade em um ambiente dinâmico, social e inesperado. (SOUZA E SILVA, *in* PARENTE, 2004, p. 294).

Assim, ao falar da virtualidade, percebemos a necessidade de relacioná-la com o sujeito, com o ciberespaço e com a cibercultura, com suas narrativas próprias. Continuaremos este processo buscando ainda um diálogo com a transdisciplinaridade, através do pensamento complexo, que apontamos como articuladora deste ecossistema.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

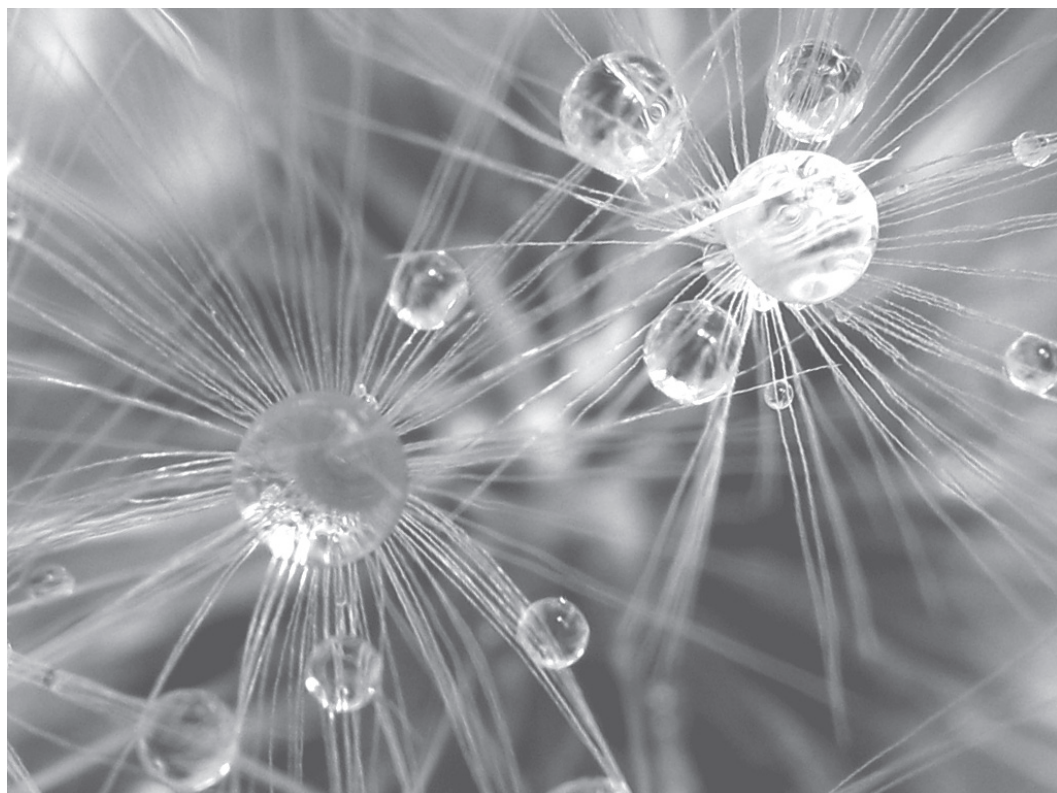
Na relação transversal que buscamos para esta pesquisa, não podemos deixar de trazer à luz as relações com este campo ainda não totalmente explorado da transdisciplinaridade. A discussão sobre o ciberespaço, a cibercultura não pode negligenciar esta condição dos campos do saber, não faz sentido manter as reflexões do campo *ciber* circunscritas em seu próprio território. Talvez seja esta a relação mais própria para este estado contemporâneo ao qual chamamos de pós-modernidade, que pressupõe movimentos dos mais diversos, envolvendo elementos variáveis e não fixos. Como é um conceito em construção, vamos ancorá-lo no pensamento complexo¹ para fortalecer o seu processo.

¹A teoria da complexidade, do pensamento complexo, criada por Edgar Morin parte do princípio que não podemos reduzi-la a idéia de complexidade, e sim buscar um pensamento capaz de se relacionar e negociar com o real (MORIN, 2007). Não se trata de uma oposição ao paradigma da simplicidade e nem a sua eliminação. Podemos entendê-la pelos seguintes parâmetros, segundo Morin:

- A ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador).
- Neste aspecto o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional.
- Impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência.
- Reconhecimento de um princípio de incompletude e de incerteza.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Armando Arbego Logroño

IZABEL MEISTER

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Antes de prosseguirmos vamos estruturar o conceito básico de transdisciplinaridade a partir do entendimento do que venha a ser multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, em um esforço de não hierarquização e sim de compreensão dos caminhos que podem ser seguidos. Para isto vamos nos valer do texto de Maria Cândida Moraes:

Pluri ou multidisciplinaridade é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. A interdisciplinaridade, segundo Pierre Weil [...], trata da síntese de duas ou mais disciplinas, transformando-as num novo discurso, numa nova linguagem e em novas relações estruturais. A transdisciplinaridade seria o reconhecimento da interdependência entre vários aspectos da realidade. É a conseqüência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem-sucedida. (1997, p. 182)

4.1 Contexto transdisciplinar para uma era das relações?

Associado ao conceito de metamorfose, o prefixo 'trans' reflete uma condição de mudança que, embora desenvolvida a partir de uma base conhecida e familiar, se converte rapidamente numa entidade independente da mesma. (NOVAK, 2008)

- ▶ •Reconhecimento dos laços entre as entidades que nosso pensamento deve necessariamente distinguir, mas não isolar uma das outras.
- Tensão entre a aspiração de um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.

O pensamento complexo se forja e se desenvolve no próprio movimento em que um novo saber sobre a organização e uma nova organização do saber se alimentam um do outro (MORIN, 2005, p.457).

Desta forma não podemos lidar apenas com antagonismos, mas considerar o próprio caráter da associação, estabelecendo o que Morin chama de circuito:

"significa que toda explicação, em vez de ser reducionista/ simplificante, deve passar por um jogo retroativo/recursivo que se torna gerador de saber." [...] "O circuito se gera ao mesmo tempo em que gera," [...] "Não existe mais entidade de partida para o conhecimento: o real, a matéria, o espírito, o objeto, a ordem, etc. Há um jogo circular que gera essas entidades, as quais aparecem como um dos tantos momentos de uma produção." (MORIN, 2005, p.460).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

A razão da transdisciplinaridade se delinea a partir de como entendemos a produção da informação e do conhecimento no que chamamos de modernidade: ela é regida pelo pensamento cartesiano e sua preocupação é decompor a questão em outras mais simples até a resposta ficar evidente, possibilitando o entendimento pela materialização do pensamento. Essa relação nos traz a idéia de um conhecimento utilitário e funcional, dentro de um determinismo universal. O mundo é mensurável. O sujeito subjetivo perde seu lugar no processo do conhecimento para o sujeito construtor do conhecimento (MORAES, 1997):

1. Para conhecer é preciso quantificar: o rigor científico é dado pelo rigor das medições.
2. As qualidades do objeto não têm valor científico.
3. Para conhecer é preciso dividir/classificar para depois tentar compreender as relações das coisas em separado.

Dentro deste reducionismo a estrutura cartesiana se torna inadequada para descrever os fenômenos sociais (*ibidem*, 1997).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

A saturação dos meta-relatos e dos grandes sistemas explicativos é hoje uma evidência, levando-nos a pensar em novos desafios para a sociologia e a comunicação. Exige-se aquilo que o sociólogo Edgar Morin chama de pensamento complexo. (LEMOS, 2007, p. 19)

Temos um mundo em movimento, onde fluxos são compostos de espaço e energia, onde os fenômenos são expressos em termos de processos e eventos, portanto o espaço e tempo não são absolutos e separados, antes revelam um vínculo. Neste ambiente o sujeito interfere no objeto para conhecê-lo, valendo-se do processo de observação e da contextualização. Trabalhamos, então, sob o princípio da incerteza ou indeterminância em razão do colapso do conceito mecânico de causalidade. (LUKACS, *apud* MORAES, 1997). Essa incerteza é alimentada por *insights* que não determinam um fim absoluto; temos teorias transitórias que nos levam a aproximações progressivas do conhecimento que estão sempre sob processos de revisão. Há uma reintegração do sujeito, uma relação sujeito/objeto que leva ao conhecimento e se expressa pela linguagem. Tudo na realidade está em movimento fluxo, qualquer evento, objeto, entidade ou atividade é uma abstração de uma totalidade desconhecida em movimento flutuante (*idem*).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Para melhor entendermos como se dá este movimento contínuo, indefinível e imensurável, no qual temos um sistema como processo que resulta em um conhecimento em rede, precisamos compreender a relação transversal que se desenha neste contexto; bem como perceber que todo o processo em questão faz parte de um sistema, ou de um ecossistema. Na visão sistêmica há uma interconectividade entre as entidades e os fenômenos da natureza, uma correlação entre os conceitos da mente e da matéria. A ecologia cognitiva nos coloca em contínua transferência entre o conteúdo da memória, do nosso pensamento, e o ambiente. A relação com o sujeito, neste contexto, está centrada no sujeito coletivo.

Para Howard Gardner [...], cada indivíduo é uma forma de expressão de um conjunto de inteligências que cooperam harmoniosamente entre si no desenvolvimento de tarefas simples e complexas. (*apud* MORAES, 1997, p. 104).

A epistemologia contemporânea nos conduz para a transdisciplinaridade, que por sua vez é um processo transversal, o qual ocorre apoiado no pensamento complexo, no pensamento sistêmico e reflexivo. O conhecimento humano é na sua origem e nos seus desenvolvimentos inseparável da ação, da reflexão na ação e sobre a ação. (MORAES, 1997). A metodologia reflexiva leva o indivíduo a tratar o problema de forma pessoal,

¹... reality is subjective and is known only as it is experienced by individuals. Tradução livre da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

baseado nas analogias, nas metáforas, na intuição, a utilizar estes elementos para criar a estrutura do problema, e só então estabelecer um diálogo aberto com a situação prática. As competências necessárias para esse processo são: compreensão, desenvolvimento do pensamento analítico e abstrato, crítico e criativo, desenvolvimento da flexibilidade de raciocínio, da riqueza e da coerência dos recursos utilizados. Isso significa autonomia, criticidade e cooperação em um mesmo espaço como condição para estabelecer a relação com o transitório, o incerto, a mudança e o imprevisto.

Uma nova educação para a Era das Relações requer que a inteligência, a consciência e o pensamento, assim como o conhecimento, sejam vistos como processo, em continuidade, e que o produto resultante de cada uma dessas atividades nunca está completamente pronto e acabado, mas num movimento permanente de vir a ser – assim como o movimento das marés –, constituído de ondas de reflexão que se desdobram em ações e que se dobram e se concretizam em novos processos de reflexão. É um movimento recursivo de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação. Requer a reflexão crítica sobre a práxis histórica. (idem, p. 213)

Eduardo Mourão Vasconcelos (2002) aponta que no pós-modernismo a prática inter/transdisciplinar deve ser a estratégia de produção de conhecimento, onde qualquer

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

perspectiva disciplinar ou teórica deve ser contraposta por outras formulações. Ao mesmo tempo levanta as críticas possíveis que este caminho pode sofrer: extrapolações de idéias das ciências naturais para as sociais; falta de critérios de julgamento e falta de autonomia dos campos do saber. Rebate dizendo que o pensamento da complexidade faz o pleno reconhecimento das contradições, dos elementos invisíveis ao senso comum, das diferenças internas e das dificuldades na geração de consensos sociais imediatos. A prática interdisciplinar não se dá pelo consenso e pela simplificação encobridora de paradoxos, e sim por redes horizontais de colaboração.

Podemos então dizer que as práticas complexas têm como componentes: diversos atores, pluralismo, estranhamento, diferença, impossibilidade de alinhamento da linearidade, paradoxo e incerteza através de sistematizações provisórias. Temos assim, de acordo com Vasconcelos, um potencial de interação de aprendizagem com múltiplas perspectivas de forma atualizada e alinhado com as mudanças científicas e tecnológicas. “As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE, GUATARRI, 2007, p. 8).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Porém ainda corremos o risco da busca da unidade de totalização, de escrita linear e sintética. Esta relação condena a multiplicidade a um crescimento com redução das leis de combinação. Edgard Morin (2007) aponta aquilo que chamou de virtude sistêmica:

- ⊙ Ter posto no centro da teoria uma unidade complexa — um todo que não se reduz à soma de suas partes.
- ⊙ Não ter concebido a noção de sistema como uma noção “real” nem como puramente formal, mas como uma noção ambígua ou fantástica.
- ⊙ Situar-se a um nível transdisciplinar — de uma amplitude que se estende a todo o conhecimento.

Talvez o melhor desenho para a questão em jogo seja o rizoma, não como uma solução perfeita, mas englobando o que há de melhor e pior. Podemos identificar o rizoma como sendo, segundo Deleuze e Guatarri (2007), detentor dos seguintes princípios:

- ⊙ Princípios de conexão e de heterogeneidade, ou seja, qualquer ponto de um rizoma pode e deve ser conectado a qualquer outro.
- ⊙ Princípio de multiplicidade: quando o múltiplo é tratado como substantivo, ele então não tem mais relação com o uno como sujeito ou como objeto e

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

assim assume seu perfil rizomático. Encontramos determinações, grandezas que implicam mudanças da natureza quando alteram as dimensões. Não existem pontos ou posições num rizoma, somente linhas. Assim as multiplicidades são planas e se definem pela linha abstrata, linha de fuga e desterritorialização.

- ⊙ Princípio de ruptura a-significante: linhas em fuga rompem rizomas, mas se conectam a outros rizomas constituindo novos planos. As linhas se remetem umas às outras.
- ⊙ Princípio de cartografia e de decalcomania: o rizoma não suporta uma estrutura ou um eixo pivotante, a unidade se dá de forma subjetiva e em constante transformação. O objeto que se sobrecodifica e é reproduzível ao infinito é chamado de decalque, está pronto. Ao contrário, o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. É aberto, reversível, pode ser modificado sempre. São as múltiplas estradas do rizoma. O decalque é estável e traduz o mapa em imagem em uma articulação de redundâncias e estruturas a serem propagadas.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Amsterdã nos dá um exemplo de rizoma: cidade com canais em hastes, sem raízes. Porém o rizoma não é um símbolo de desprendimento total, ele se relaciona e contém arborescências, o que o torna dinâmico ao restituir através do mapa o ritmo rizomático. “Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual transborda [...]” (idem, p. 32), mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” (idem, 37).

Neste movimento transversal o rizoma ganha velocidade e busca fazer mapas orgânicos, ecológicos e tecnológicos que serão estendidos no plano de consistência. Este plano, ainda segundo Deleuze e Guatarri, é a abolição de qualquer metáfora, tudo o que consiste é real. Podemos nos lembrar aqui das relações estabelecidas em torno da virtualidade e emprestar esta idéia de rizoma para os planos do ciberespaço.

Ambos, virtualidade e o rizoma, revelam contínuos de intensidades, emissão combinada de partículas-signos, conjunção de fluxos desterritorializados. Podemos ainda pensar o rizoma como parte da Era das Relações, parte de uma nova ecologia cognitiva traduzida em novos ambientes de aprendizagem, que privilegiem a circulação de informação, a construção do conhecimento, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Miguel Valle de Figueiredo

IZABEL MEISTER

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva. É um interjogo entre sujeito e objeto através da interatividade entre o homem e os instrumentos oferecidos pela cultura. (MORAES, 1997)

O sistema aberto tem duas conseqüências apontadas por Morin (2007): a primeira diz que as leis da organização da vida não são de equilíbrio, mas de desequilíbrio, recuperado ou compensado, de dinamismo estabilizado. A segunda exprime a idéia de que a inteligibilidade do sistema deve ser encontrada não apenas no próprio sistema, mas também na sua relação com o meio ambiente, e que esta relação não é uma simples dependência, mas sim constitutiva do sistema. A realidade está, desde então, tanto no elo quanto na distinção entre o sistema aberto e seu meio ambiente. Podemos pensar aqui na conjunção do externo e interno, repetindo o Anel de Moebius.

4.2 Transdisciplinaridade pela ótica do pensamento complexo

O pensamento complexo vive uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento. (MORIN, 2007, p. 7)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Complexidade vem de tecido – *complexus* – que significa o que é tecido junto. Em uma segunda acepção, efetivamente o tecido dos acontecimentos, ações e interações constituintes do mundo fenomênico. Ainda refletindo com Morin, é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser resumido a uma lei nem a uma idéia simples. “A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução” (idem, p. 6). Vemos, então, que não há terra firme, temos terra líquida, de espuma, leve – quem disse que o complexo é pesado?

É pela complexidade que entramos nas caixas pretas, onde a renovação da concepção do objeto e mudança nas perspectivas epistemológicas do sujeito nos levam a aceitar a imprecisão para os fenômenos e também para os conceitos (trabalhar com o insuficiente e vago). A liberdade e a criatividade são fenômenos inexplicáveis fora do quadro complexo, que permite as suas presenças. Implica irremediavelmente o sujeito. “O sujeito e o objeto aparecem assim como as duas emergências últimas inseparáveis da relação sistema auto-organizador/ ecossistema” (*ibidem*, p. 39).

Neste caminho não dispomos do homem como reduzido ao meio, mas integrado a ele. Podemos chegar a esta situação através daquilo que Morin chamou de brechas na ciência

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

clássica. A brecha microfísica: interdependência do sujeito e do objeto, inserção do acaso no conhecimento, a desreificação da noção de matéria, irrupção da contradição lógica na descrição empírica. E a brecha macrofísica: une na mesma entidade os conceitos de espaço e tempo, além da velocidade da luz (MORIN, 2007).

Somos levados a entender que a informação não pode ser toda abarcada pela comunicação, uma vez que ela se apresenta a cada momento a partir de um vetor do sujeito: memória, saber, ou mensagem ou ainda programa, ou matriz organizacional. E que, portanto, está em processo de articulação criando novas intersecções e projeções. A idéia por trás deste cenário é percebermos que a informação não é o fim de uma trajetória, e sim o começo, distribui-se em trajetórias livres, de novas informações. Vale dizer que a “informação não é um conceito de chegada, é um conceito ponto de partida” (idem, p. 27). Somos portas abertas apesar de, na sociedade ocidental, construirmos a idéia de ser humano baseada em entidades fechadas, como substância, identidade, causalidade (linear), sujeito, objeto. Sem comunicação entre as entidades, a oposição de um conceito anulava ou reprimia o outro. Dessa forma percebemos que a base da complexidade é a impossibilidade de tornar homogêneo e de reduzir.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Podemos nos perguntar se ao nos embrenharmos pela complexidade não corremos o risco de perdermos as respostas em meio ao desordenado e ao caos?

Vamos retomar a idéia de complexidade para então entender a sua relação com a organização e a entropia. Podemos dizer que a complexidade é, em uma primeira análise, um fenômeno quantitativo porque fala da extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades (MORIN, 2007). Porém carrega junto a esta perspectiva os planos das incertezas, indeterminações e das questões aleatórias, de alguma forma se relaciona com o acaso. Mas isso não acontece em meio a uma profusão de fragmentos desordenados: é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados segundo Morin.

Retornamos à caixa preta tão trabalhada por Flusser (para quem as máquinas são caixas pretas que não conhecemos o interior, portanto não lidamos com esta caixa, só a utilizamos para produzir algo. Quantos de nós sabemos como funcionam as nossas máquinas fotográficas digitais, por exemplo?). A cibernética reconhece a complexidade, mas é para colocá-la neste box onde alimentamos e retiramos informações do sistema

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

para estudá-las. A complexidade é mantida em um grau de suspensão que entra em choque com a própria idéia de complexidade (que clama por entrar na caixa, não para decifrá-la, mas para explorá-la). Parece-nos interessante pensar que caminhamos para a apropriação da caixa, não mais como caixa objeto, mas como algo incorporado ao nosso espaço – caixa-sujeito –, ao nosso corpo, e do qual não temos uma referência formal, são relações fluidas, líquidas com as indeterminações e incertezas necessárias. Essa apropriação nos leva à relação nômade, cambiante e inclui como parte dessas combinações a virtualidade. A atualização, podemos dizer, de certa forma ordena o caos e nos dá as respostas transitórias. Não temos uma cena limpa e ordenada, temos uma relação entre ordem e desordem, na qual, segundo Morin, devemos aceitar certa imprecisão tanto dos fenômenos quanto dos conceitos.

[...] o mundo só pode aparecer com tal, isto é, como horizonte de um ecossistema de ecossistema, horizonte da physis, para um sujeito pensante, último desenvolvimento da complexidade auto-organizadora. [...] O sujeito e o objeto aparecem assim como as duas emergências últimas inseparáveis da relação sistema auto-organizador/ ecossistema. (*ibidem*, p. 39).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Esta auto-organização é uma organização viva, sem sobreposições dominadoras, onde é revelada a subjetividade, segundo Morin. Dessa forma o sujeito, o objeto e o meio ambiente estabelecem uma relação aberta, uns com os outros, em uma espiral infinita. Assim avançamos no conhecimento, sempre à luz de uma nova ignorância gerada. “Não existe uma única rede formal de relações, há realidades, que não são essências, que não são uma única substância, são compósitos, produzidos pelos jogos sistêmicos, mas, entretanto, dotados de uma certa autonomia” (idem, p. 49).

A produção de conhecimento inovador e criativo se sustenta no processo de singularização, na mobilização dos impulsos estéticos, no processo de individualização do pesquisador e construção de narrativas e perspectivas próprias de visão de mundo. Porém, dentro de um ecossistema que combate o individualismo, pela absoluta necessidade de relações e ações colaborativas que nos ensinam a lidar com a diferença, a diversidade e o pluralismo, através de dinâmicas transversais. Nada faz mais sentido nestes tempos líquidos, espumosos do que perceber o que Morin chamou de verdades biodegradáveis, isto é, mortais e ao mesmo tempo vivas (2007).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

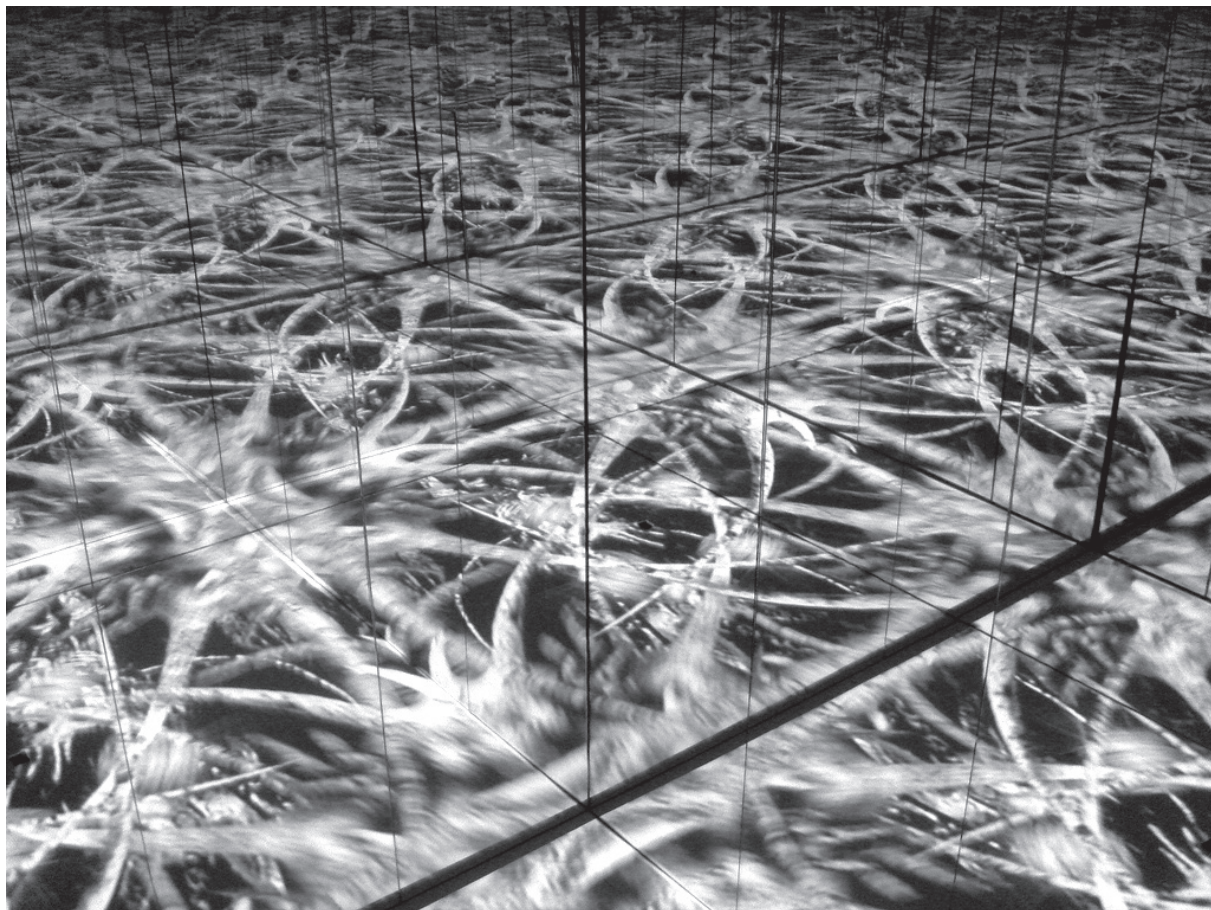
4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

Tudo precisa ser gerado – esta imprecisão da nossa própria existência foi ocultada em nome da simplificação e da pesquisa analítica que exige explicações, respostas. Dessa forma o observador e o ambiente caótico foram eliminados. A necessidade transdisciplinar, perspectiva inerente à complexidade, sofre ainda com a idéia disciplinar, a tentativa de designar uma unidade e uma identidade fechadas.

Porém, a complexidade ao englobar a simplicidade não nega a unidade, mas dá a ela um caráter instável, de tensão entre as forças, que não a torna totalizadora. Ao nos remeter neste diálogo a camadas mais profundas, onde não encontramos tradução para a realidade, não nos induz ao erro – sinal conhecido na visão clássica –, nos desperta ainda para o senso solidário porque não isolamos objetos uns dos outros. Isso nos faz lembrar idéias propostas pelas teorias quânticas já esboçadas neste trabalho: os objetos não têm posições definidas, tudo está em um estado de constante fluxo.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Lars Kristian Flem

IZABEL MEISTER

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

4.3 Campo recíproco: transdisciplinaridade e cibervetores (ciberespaço, cibercultura e virtual)

A tecnologia digital produz rupturas importantes, entre elas, a concepção da informação por meio de processos microeletrônicos e como podemos difundi-la em um modelo de todos para todos. Temos uma relação direta do homem com o mundo e aquilo que produzimos por este caminho não são representações, são o próprio mundo. Exercitamos a idéia de pertencimento no diálogo com as comunidades e encontramos a eficiência neste caminho porque agregamos os planos mítico, simbólico e religioso (LEMOS, 2005). A transdisciplinaridade pode se colocar como o processo necessário às relações de virtualidade e ciberespaço, dos seus desdobramentos complexos, porque todos estes campos têm como raiz comum incluir a subjetividade nas relações que se estabelecem: “O saber prendia-se ao fundamento, hoje se mostra como figura móvel. Tendia para a contemplação, para o imutável, ei-lo agora transformando em fluxo, alimentando as operações eficazes, ele próprio operação” (LÉVY, 2001, p. 55).

Parece-nos possível dizer que a virtualidade é o campo da transdisciplinaridade e esta, por sua vez, o campo da virtualidade. A combinação está na proposição de que a virtualidade

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

se realiza na presença dos sujeitos com toda a sua complexidade e necessidade transversal de arranjo das informações em um sistema aberto que permite o caos e a organização. Assim, a cibercultura nos traz uma amplificação do “paradigma antimoderno” e a internet é um bom exemplo. Não temos a compreensão das relações das coisas em separado, a internet nos proporciona a compreensão pelas relações e conexões.

As conexões geram novas perspectivas a partir do desprendimento do computador fixo. A mobilidade emergente proporcionada pela miniaturização de equipamentos (*laptops, palms, celulares*) e pela internet móvel a partir de redes sem fio (*wi-fi e hotspots, bluetooth,² etc.*) nos joga dentro de um turbilhão de possibilidades de informação, comunicação, de novas apropriações do espaço urbano e da noção de deslocamento, sem dúvida, a exponenciação das incertezas sobre espaço e tempo. Segundo Lemos (*in LEÃO, 2004*), vivemos uma nova fase da era da informação alavancada pelo que ele chama de computadores coletivos móveis (entende a rede como o grande computador) e a qual dá o nome de Era da Conexão (WEINBERGER, *apud LEMOS in LEÃO, 2004*). Os conceitos e contextos importantes deste momento são a computação ubíqua, pervasiva

²*Wi-fi* significa *wireless fidelity* e faz parte de padrões técnicos para internet sem fio. O *bluetooth* é um padrão de internet sem fio de até 10m de alcance.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

4. Transdisciplinaridade – à luz do pensamento complexo e da desterritorialização

e/ou senciente³. Por ubíquo, seguindo Lemos, entendemos a possibilidade de estarmos em vários lugares ao mesmo tempo; portanto, computação ubíqua seria a disseminação de computadores em todos os lugares, possível pela mobilidade do objeto e a conexão disseminada pelas mais diversas fontes como *wi-fi*, rádio, microondas etc. A computação pervasiva indica a introdução de *chips* em equipamentos e objetos que passam a trocar informações, como celulares.

³A idéia de senciente passa pela conjugação, a interconexão entre computadores e objetos através de sensores que permitem a conversa entre eles, como no uso de bluetooth para interligar celulares e computadores, passando informações de um para o outro.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

No condition is permanent.

Roderick Coover

Pequenas histórias, talvez essa seja a resposta para as questões em torno da relação informação e comunicação, na sociedade que estamos construindo. Principalmente se olharmos a comunicação como um fenômeno e uma função social. “[...] não é apenas uma resposta, mas a relação estabelecida pela transmissão de estímulos e pela provocação de respostas” (PIGNATARI, 2004, p. 20).

Poderíamos dizer ainda que, a partir do advento da cibernética, seguindo o pensamento de Pignatari, as máquinas passam a ser complexos de organismos informacionais e as

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

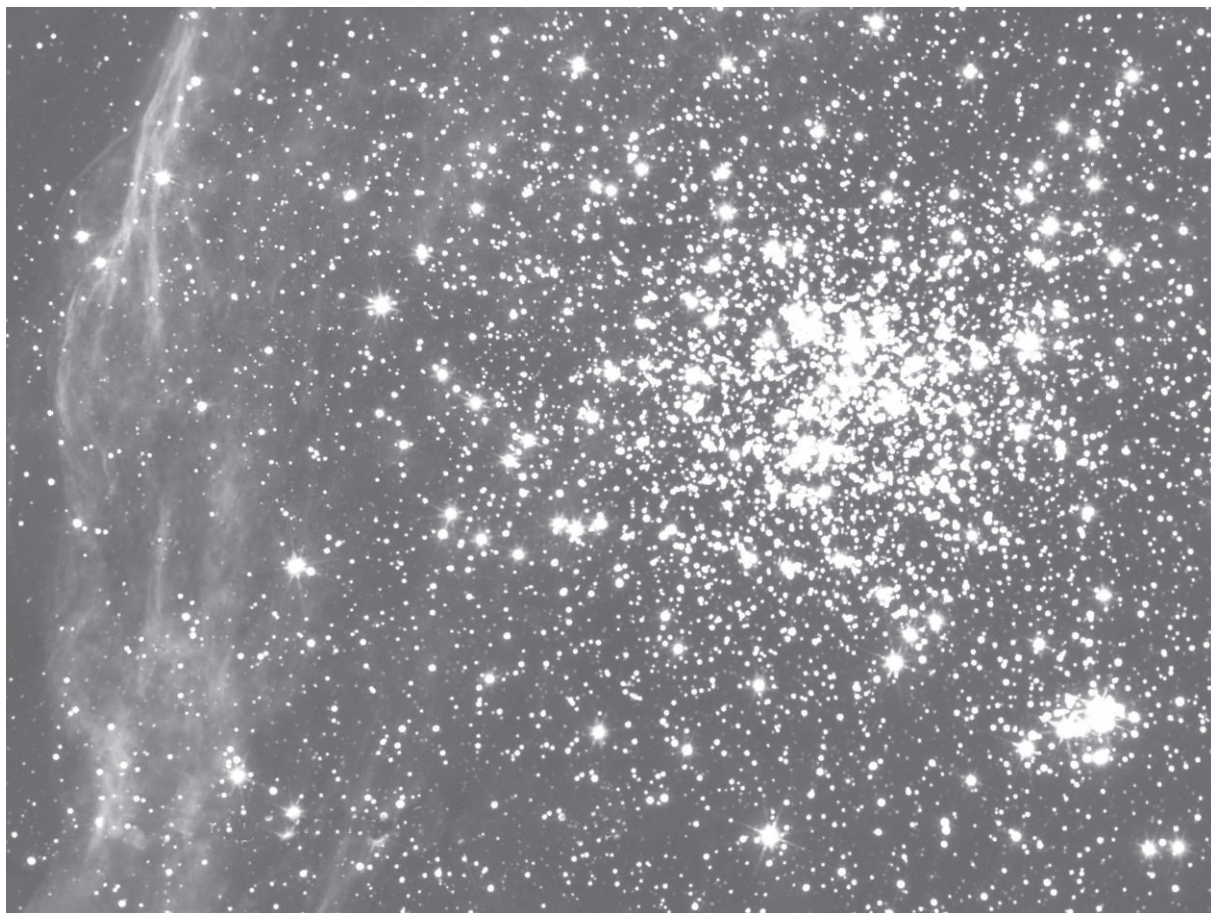
relações entre as coisas tomam o lugar das coisas em si; assim temos algum tipo de vínculo expresso pela linguagem que reflete alguma configuração e organização da mensagem. “Comunicar-se – diz Colin Cherry – significa associar-se de algum modo, formando uma organização ou organismo.” (*ibidem*, p. 20)

Dentro desse contexto, André Lemos (*in* LEÃO, 2004) fala de algumas pistas importantes para o entendimento da comunicação e da cultura nos nossos dias, inclusive para o desenvolvimento da idéia de caráter transitório.

Ele questiona se as formas ágeis de trocas na cibercultura podem ser entendidas como comunicação. Este não é o foco desta pesquisa, mas uma das respostas que aponta nos desperta para como algumas das relações importantes como comunicação, informação, associação, função social e complexos informacionais são permeadas por nossa idéia de sociedade. E se em algum momento falamos em mudar a forma de pensar, talvez sejamos compelidos a olhar o tecido social entrelaçado às novas dimensões potencializadas pela “ciber-vivência”, pelos novos olhares da ciência, dos arranjos de tempo e espaço, das redes sociais. A resposta em questão, referindo-se a celulares, nos diz que, “[...] o destino do celular

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Jorgeseo

IZABEL MEISTER

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

é nos levar além do 'mundo da fala', para um outro mundo onde 'comunicação' significa alguma coisa mais rica e mais rápida." (MYERSON, *apud* LEMOS *in* LEÃO, 2004, p. 27)

5.1 Local, onde fica?

Entre todos os aspectos de entendimento do momento em que vivemos, buscamos nos ater à dinamicidade resultante das discussões e reflexões sobre os conceitos de modernidade e pós-modernidade para refletirmos sobre novos paradigmas (ou nós paradigmáticos – como prefiro chamar por conceber a idéia de vários centros de gravidade inerentes a diversos contextos – se é que prescindimos de modelos, uma vez que eles carregam a idéia de totalização e universalidade no seu ventre). Segundo essa visão, podemos pensar o ciberespaço, a cibercultura e a internet como elementos da modernidade leve defendida por Bauman ou como elemento da pós-modernidade de Jameson. O que extraímos é que ambos nos indicam que a flexibilização e a mobilidade determinam um fluxo que não pressupõe o fim objetivado. Novas estratégias pressupõem novos arranjos, sistemas abertos e complexos.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Não é suficiente, para conceber o princípio de complexidade, associar noções antagônicas de maneira concorrente e complementar. É preciso considerar também o próprio caráter da associação. Não é somente uma relativização desses termos uns em relação aos outros; é a sua integração no seio do metassistema *que transforma cada um desses termos no processo de um circuito retroativo e recursivo.* (MORIN, 2005, p. 460)

Catalina Laserna¹ exemplifica no quadro a seguir a compreensão desta mudança.

Quadro 01 – Transformations of Mind: The Role of Orality, Literacy and Cybercy²

	Oralidade primária	Escrita	Cibercomunicação
Permanência da mensagem	Fala desaparecida (durante a fala)	Imobilidade	Escrita fluida
Armazenamento	Memória humana	Texto	Data base
Interno/ externo	Face a face	Face escrita	Interface
Grandes teorias	Língua e cultura	História e ciência	Era da informação

¹Catalina Laserna, da Universidade de Harvard, projetou este quadro em sua palestra Transformations of Mind: The Role of Orality, Literacy and Cybercy, apresentada no XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, SBIE, 2007, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 20/11/2007.

²Tradução livre do quadro é da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Nesta mesma direção Castells (2006) constrói a relação entre uma existência social globalizada diante daquela de cunho local, discutindo o binômio espaço-tempo em dois níveis: o primeiro diz respeito ao espaço de fluxos e o tempo dito intemporal. O segundo, às questões de lugar e tempo cronológico. Ambos co-existem e como resultante temos um estado complexo de redes sociais que se organizam, se complementam e desembocam em espaços de fluxos e lugares, cambiando entre o tempo eterno e a cronologia temporal a qual rege nossas ações do cotidiano. Porém precisamos dar um passo atrás na história para compreendermos estas proposições.

Através de saltos temporais na história podemos estabelecer a passagem da oralidade para a escrita através do alfabeto, o que permitiu separar o tempo de quem fala do tempo do que é falado, iniciando uma comunicação cumulativa derivada do conhecimento. Quando falamos de hipertexto estamos nos referindo à integração no mesmo sistema das modalidades da escrita, do oral e do audiovisual, antes desenvolvidos como elementos distintos de comunicação. Podemos pensar em uma nova forma de oralidade, uma vez que apresenta a interação de tempo real, informal e não lapidada. “A mensagem do meio ciberespacial é tato, corpo e identidade” (DE KERCKHOVE, *apud* CASTELLS, 2006, p. 448).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Os agrupamentos se dão por interesse, sem necessidade de co-existência geográfica ou temporal. Novas formas de sociabilidade se estruturam a partir de novos ecossistemas instaurados que incluem a tecnologia. As manifestações de tempos passados, presentes e futuros estão interligadas em um tempo atual, construindo um novo ambiente simbólico que produz a nossa realidade; são sinais produzidos e consumidos para possibilitar a comunicação. “Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura” (POSTMAN *apud* CASTELLS, 2006, p. 414).

Uma outra aproximação importante diz respeito à idéia de sociedade. Irá nos ajudar a entender o valor desta nova possibilidade que nos é apresentada a partir da cibernética, do ciberespaço, da cibercultura. Segundo Peter Sloterdijk, co-existência constitui nossa situação básica (2006). Esta co-existência assume diferentes características ao longo de nossa história. Quando, no início das relações sociais entre os homens, havia uma única rede social baseada em laços de parentesco, ela se articula em forma de parentesco e lógicas de semelhança. Portanto, o espaço era o das relações familiares codificadas em camadas de linhagem. Ao longo das transformações sociais durante o curso da história vemos a extrapolação desse conceito quando se elege uma nova idéia de organização,

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

a política “[...] a política é o invento da co-existência como síntese do não-aparentado” (*ibidem*, p. 203)².

O coletivo comum agora não se esgota no laço familiar, temos formas ampliadas de nós mesmos. “Nós” assume um caráter globalizado que vai buscar a integração de espaços múltiplos e de suas fronteiras em torno de elementos, o que Sloterdijk (2006) chamou de guarda-chuvas simbólicos, que produzem entrelaçamentos em torno de totens culturais, religiosos ou econômicos. Co-existência e colaboração são entendidas como uma mútua relação, maior que os laços de família e a ancestralidade, podendo ser religiosa, por exemplo. Segundo Sloterdijk (2006) ainda, tem início a era das solidariedades artificiais, a era das identidades corporativas, dos universalismos regionais, tanto quanto das comunidades totêmicas e nações mágicas. Aos poucos vamos construindo a idéia de que a co-existência emerge de uma sociedade e expressa o desejo dos sócios. Esta relação pressupõe um eleito para defender os interesses do grupo, mesmo que por outro lado o grupo deseje participar das decisões, e com isso temos uma relação tensa que desemboca naquilo que Sloterdijk chamou da era das massas. Define então sociedade como uma associação de sujeitos

³“La política es el invento de la coexistencia como síntesis de lo no-emparentado.” Tradução livre da pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

que renunciaram a seus interesses. Mas é preciso ter algo a renunciar e, portanto, aqueles que nada têm (ou não querem dar) estão à margem dela. Portanto, se entendemos a associação humana como resultado de um contrato, a síntese social se dará por um jogo conjunto de vontades individuais contratualmente coordenadas e o mais transparentes possíveis. Porém somos mais do que isso, com certeza, a co-existência envolve outros canais que não passam pelo processo contratual ou de convivência por conveniência. O campo das relações inter-pessoais nos dá outras dimensões. Devemos nos perguntar o que realmente nos leva à co-existência e que nó realmente nos une uns aos outros.

Uma primeira resposta poderia vir da idéia de totalidade para reger as tensões entre interesses comuns e particulares dos indivíduos. Projeta-se um ideal de obra de arte, perfeita, no qual a totalidade se dá pelo consenso. Portanto, segundo esse raciocínio, ordem significa ter o seu lugar. O cosmos perfeito é uma totalidade pensada nos mínimos detalhes onde o indivíduo é a sua parte funcional que segue um plano geral. “Uma vez fundado o Estado, a adesão reside no domicílio” (ROUSSEAU, *apud* SLOTERDIJK, 2006, p. 218).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Porém tal plano geral não leva em consideração particularidades da situação e do contexto. Ainda segundo o autor, as co-existências implicam suas configurações espaciais concretas e suas histórias locais, o que se opõe à síntese social dotada de totalidade. De certa forma propõe que as comunidades sejam formadas a partir de multiplicidades e que toda a estrutura pluralista, associativa, tenha esse contorno, podendo buscar uma unidade de caráter poliperspectivista. A agremiação se dá como rede de atores tecida de forma recíproca, por questões sociais, mas também por partes da vida que não são sociais; assim a dinâmica social inclui também a alternância entre estar dentro e fora do contexto social, bem como os objetos produzidos nestas circunstâncias. São contornos imprecisos dos planos que formam a rede, composições de composições, como um rizoma, que, apesar das linhas que buscam novos horizontes, mantém-se em uma agremiação mais horizontal que vertical. No conceito de Sloterdijk, são espumas (rizomas- espaço-interior) cujo princípio de verdade está nas configurações laterais, em condomínios planos ou associações de grupos de ilhas. “É verdade que a sociedade só pode compreender-se a partir de sua multiplicidade e espacialidade originárias junto com seus sintagmas de interconexão, [...]” (*idem*, 2006, p. 231).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Somos mais que apenas componentes de uma sociedade, nos realizamos pela nossa possibilidade de co-existência. Podemos acompanhar sua linha de raciocínio segundo a qual, ao contrário do que expressava Kant (o espaço como possibilidade de estar junto), estar junto é o que possibilita o espaço. Chegamos aonde precisávamos. Este espaço, se recuperarmos a idéia de que o espaço pode não ser físico, ou ainda propiciado por uma condição de tempo, pode ser o próprio tempo? Estar junto não é mais uma condição espacial, mas sim temporal, estamos juntos no tempo?

Em uma cultura tradicional a preocupação é de conservação de modelos através do tempo; já as culturas modernas se propõem a processos de revisão permanente dos modelos. Podemos pensar modelos transitórios, que não se perpetuam através do tempo, e que não necessariamente mantêm a sua forma a partir de associações em rede?

Segundo Roy Ascott (*in* PARENTE, 2004) na pós-modernidade abandonamos o modelo de realidade contínua por camadas agrupadas, sem hierarquia, que nos levam a ver todas as hipóteses como transitórias, procurando apenas por utilidade nas metáforas que se apresentam através de variáveis, sem objetivar verdades duráveis.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



José Ribeiro

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Isto dá à luz a idéia de significado implicativo [...] cada quantum de significado é cheio de camadas, carregando dentro dele uma multiplicidade de possíveis trajetórias semânticas, dependendo do sujeito visto. [...] a História da humanidade é a história do desejo de voar, de estar fora do corpo, de ligar-se mente-a-mente. É dentro do espaço eletrônico da rede que nós podemos realmente voar. Este é o poder metafórico da rede que contextualiza nossa ligação humana. (*ibidem*, p. 244)

Como lidamos com estas mudanças de escalas reais ou metafóricas? Hoje temos, por exemplo, universidades que ocupam espaços mínimos em relação ao número de alunos porque todos os seus cursos são feitos através da internet, com quase nenhuma realização presencial. Por outro lado, precisamos prever na urbanidade cósmica lugares para satélites de toda espécie, cabos de transmissão em vasta quantidade que precisam chegar aos edifícios, mais ainda, dependendo de nossa atividade e tecnologia, podemos trabalhar em qualquer lugar, inclusive em uma praça (zonas livres de comunicação a partir de zonas *wireless*), portanto novos arranjos arquitetônicos são necessários. O fato existe, precisa ser incorporado.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Para colaborar com essa reflexão, devemos perceber a dependência e a vulnerabilidade de qualquer local em relação aos fluxos globais em transformação, onde a cidade não é só um lugar, é também um processo (CASTELLS, 2006). A idéia de processo pressupõe uma articulação dinâmica entre local e global. A mobilidade e a incorporação de artefatos digitais, além do sistema de informação, contribuem para a dissociação entre proximidade espacial e as atividades mediadas por estes sistemas. Isso não significa necessariamente perder as características culturais das localidades, ao contrário, elas servem como indicadores de localização. Recuperando algo que já esboçamos, a mobilidade pode transformar os não-lugares em lugares? A flexibilização da comunicação, a integração social em redes e a interatividade estabelecem novos padrões espaciais na rede fluida, o que Castells (2006) chamou de espaço de fluxos.

Podemos primeiro perceber que há a soma dos componentes e não a destruição deles. Relativizá-los, em uma relação transversal, retirando-lhes a dimensão física para ressaltar a percepção antropológica a partir da qual,

[...] a organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das motivações e uma das modalidades

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

das práticas coletivas e individuais. As coletividades (ou aqueles que a dirigem), como os indivíduos que a elas se ligam, necessitam simultaneamente pensar a identidade e a relação e, para fazer isto, simbolizar os constituintes da identidade partilhada (pelo conjunto de um grupo), da identidade particular (de determinado grupo ou determinado indivíduo em relação aos outros) e da identidade singular (do indivíduo ou grupos de indivíduos como não semelhantes a nenhum outro). O tratamento do espaço é um dos meios desta empreitada. (AUGÉ, 1994, p. 50)

O espaço refere-se a uma materialidade, mas também a um suporte das práticas sociais. Segundo Castells (2006), o espaço é tempo cristalizado. Podemos então pensar em um tempo atualizado para o ciberespaço? Segundo essa concepção de espaço, é importante perceber a co-existência de vários espaços e vários tempos, sujeitos, cada qual, a interações do homem com seu entorno, com seu contexto. Espaço antropológico, da memória, do não-lugar, estas possibilidades se relacionam com o tempo e nos dão sugestões para o entendimento do que vem a ser ciberespaço. Um conjunto de nós de informação que uma vez ativados delatam sua condição social, cultural, física e funcional. A virtualidade é a sua condição e, citando Castells (2006), sua *mensagem é o silêncio* porque estamos sob a suspensão do vazio da transição. As raízes deste rizoma estão nas pessoas e na

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

cultura, portanto no entrelaçamento entre os sujeitos e seus lugares e seus significados, independentemente de uma contigüidade física.

Uma das hipóteses estabelecidas por Castells é aquela que diz ser o espaço que organiza o tempo na sociedade em rede, na contracorrente da idéia de que o tempo domina o espaço (2006). Podemos pensar em uma relação espaço-temporal na qual não se estabelece uma hierarquia, mas uma articulação. Dessa forma sempre estará atrelado a um contexto e como tal torna-se local. Mesmo assim, sujeito a transformação, dentro da sociedade em rede, onde é aleatório, não recursivo, um tempo que nesse processo apropria-se do contexto. A partir deste descolamento do tempo em relação a um ciclo virtual, vital e cronológico, podemos conceber as idéias de simultaneidade e intemporalidade. Todo evento fica condicionado ao contexto social de utilização, em uma simbiose entre tempos passados, presentes e futuros, e uma apropriação momentânea, efêmera, de acordo com a solicitação feita.

De fato, em toda a história humana o trabalho da cultura consistiu em peneirar e sedimentar duras sementes de perpetuidade a partir de transitórias vidas humanas e de ações humanas fugazes, em invocar a duração a partir da transitoriedade, a continuidade a partir

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Aurora

IZABEL MEISTER

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

da descontinuidade, e em assim transcender os limites impostos pela mortalidade humana,[...] (BAUMAN, 2001, p. 146)

Dessa forma podemos pensar que em nossa relação com a cibercultura assumimos a passagem e não nos interessa mais materializar para o futuro, materializar para a eternidade. É o aqui e o agora?

5.2 Sujeitos que estão sujeitos...

A última instância desta demarcação de fronteiras e do habitar, mesmo que de forma volátil, é o corpo, o reduto da continuidade, duração e da longevidade. O sujeito estabelecido agrega do grau zero ao trezentos e sessenta, em um constante rearranjo da sua identidade e convergência entre o sujeito e objeto: sujeito como grau zero da humanidade, universal, indivisível e eterno, preconiza a identidade racional e autônoma. Este é incorporado ao grau trezentos e sessenta, sujeito múltiplo com estrutura dissipativa onde ordem, ambudância e desperdício se conjugam. A identidade traz uma relação entre suas várias camadas de forma dialógica, descentrada, múltipla e nômade. A possibilidade

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

de reprodução confiscaria da imagem a sua aura e a perda da singularidade no sentido dado por Walter Benjamin, onde passamos do culto à exposição? Ou nesta relação o externo e o interno em constante movimento nos fazem passar por novas formas de culto não vinculadas à singularidade, mas à exposição e potencialização do singular em uma inversão desta relação? De toda forma, os processos intra e intersubjetivos que permeiam a rede entre pensamento e memória, entre o indivíduo e o grupo, nos mostram que as representações de um sujeito afetam, no compartilhamento de ambientes comuns, as representações de outros sujeitos. Neste limiar entre representações, as singularidades e compartilhamentos são construídos.

Pensar o sujeito nos leva a visitar as estruturas construídas ao longo da história e especialmente nos detém no aspecto do sujeito instituído à luz do cartesianismo. Neste contexto, o eu precede a razão de identidade, da presença e diferença, o sujeito é a condição para estes estados que agregam universalização e individualização. A sua existência está condicionada ao seu pensamento – “penso, logo existo” – e desta forma nos tornamos comandantes da ação. Dando um salto sobre as razões e análises pertinentes a esta estrutura, vamos direto às contra-estruturas que pregam, por sua vez, a dissolução, a

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Rein Nomm

IZABEL MEISTER

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

morte do sujeito ou pelo menos a sua desconstrução. Isso ocorre porque nos demos conta de que este sujeito e suas subjetividades construídas para se sobreporem aos tempos não existem fora dos contextos socioculturais, da linguagem e das relações de poder. “Por isso mesmo, no lugar dos antigos ‘sujeito’ e ‘eu’ proliferam novas imagens de subjetividade.” (SANTAELLA, *apud* LEÃO, 2004, p. 47)

A estrutura subjetiva plural, capaz de reunir critérios individuais e universais, expressões culturais e sociais diversas, multiplicidade de valores e ações é inerente ao ser humano. Nosso funcionamento não é seqüencial e linear por natureza, podemos nos dizer dobras, como o Anel de Moebius, onde o interior é o exterior em dado momento, experimentando a identidade instável onde a posição do sujeito não está fechada. Dentro do ciberespaço potencializamos certos aspectos desta subjetividade. Não há outra, em um jogo interativo, que busca na mediação do outro a sustentabilidade da própria noção de sujeito. Estamos colados ao objeto pela interatividade, sem distância para uma apreciação e, portanto, tratamos de incorporação e não mais da possibilidade da identificação (SANTAELLA, *apud* LEÃO, 2004). O sujeito ser situado e datado é apenas um aspecto de um sistema de subjetividades e identidades incorporadas, transitáveis entre o eu e o outro.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Agora, tornam-se doces as palavras de Rimbaud: “Eu é um outro”. (*apud* AMERIKA *in* LEÃO, 2005 p.143)

No mundo do ciberespaço a comunicação é de todos para todos, multiplicidade que nos faz participar de um processo que não se fecha, em mutação e acolhimento, em uma relação sensível que inclui transições para outras subjetividades, inclui até a afetividade. Toco neste ponto para levá-lo para a noção de coletivo inteligente, importante para a construção da relação colaborativa na internet. Ao tecermos nossos contextos, tecemos também contextos de outros como somos tecidos por eles, o sujeito transborda-se além de si mesmo. A relação coletiva inclui as noções individuais e as trocas estabelecidas entre todos os agenciamentos possíveis do contingente potencial de informações, nos mais diversos patamares, e é neste fluxo de trocas, onde coletivos se formam, que encontramos aquilo que Lévy chamou de inteligências coletivas e que hoje podemos dizer redes sociais. O retorno desse contexto de inteligências para os indivíduos provoca os coletivos inteligentes que partilham processos intelectuais, em um exercício de criação de vínculos sociais em rede. Ao associarmos formas de relação social com as tecnologias contemporâneas, desenhamos a noção de cibercultura, resultado da convergência destes dois vetores sob os

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

olhares da contemporaneidade. Podemos pensar a modernidade, nesta perspectiva, como síntese da racionalidade instrumental, da homogeneização e dos processos dialógicos que separam formas e conteúdos. Nos nossos tempos revelamos a complexidade deste vetor tecnológico que se dilui nas práticas culturais e expõe o compartilhamento social e a estética como inerentes ao desejo humano e pertencente a esta mesma cultura. É ao mesmo tempo ruptura e continuidade (LEMOS, 2005).

Podemos pensar em uma construção cooperativa de um contexto segundo o qual emissor e receptor ocupam um espaço não fixo, disposto pelos participantes por conta de seus centros de interesse e criando uma paisagem comum do sentido do saber. Resultam de negociações sobre significações, do reconhecimento dos acordos pela atividade de comunicação que se forma a partir de uma memória dinâmica, coletiva, comum e navegável. A dinâmica é horizontal sem pressupostos de hierarquia (o poder está entre parênteses, segundo Lévy, 2007). Isso nos faz pensar que o sujeito transitivo desemboca no objeto, ou seja, o ciberespaço, a virtualização, só encontra a sua consistência quando o sujeito/objeto está sendo construído e partilhado.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Esta margem pressupõe reconhecer tudo o que está em movimento, em interligação. O processo é mais importante que o produto, disto resulta em uma produção de conhecimento que inclui a singularização, impulsos estéticos e narrativos que esboçam visões próprias do mundo. É nesta relação entre sujeitos e objetos que o conhecimento encontra sua sustentação e na linguagem sua expressão “[...] relação sujeito/objeto faz nascer o conhecimento que é expresso pela linguagem” (MORAES, 1997, p. 91).

Idéias gerais e significados particulares são possíveis porque este contexto permite diferentes pontos de vistas e, portanto, em algum aspecto encontramos a especificidade. Mas esta não compactua com a relação cartesiana de especificidade que separa e reduz: a que se cria aqui é complexa, não busca comprimir uma circunstância cultural em revelações simples, porém pobres de potenciais. Podemos pensar que o local, como forma de marcar circunstâncias, age sobre o global para depois tornar-se o próprio global em um exercício de dobras, onde o interno torna-se externo e vice-versa. O processo é constante, no exercício de modificação, reconstrução e negociação com o indivíduo. Podemos resgatar a frase com que iniciamos este capítulo, a qual, segundo um provérbio em um pára-choque de ônibus citado por Roderick Coover, *nenhuma condição é permanente*. É sempre algo

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

local, datado e transitório (MORAES, 1997). Estamos construindo, segundo pontuação de Maria Cândida Moraes (idem), uma era de relações que significa uma nova ecologia cognitiva traduzida em novos ambientes de aprendizagem, que privilegiam a circulação de informação, a construção do conhecimento, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva. É uma prática reflexiva em que o indivíduo trata o problema de forma pessoal, baseado nas analogias, nas metáforas e na intuição, e utiliza esses elementos para criar a estrutura do problema. Só então estabelece um diálogo aberto com a situação prática. “O olhar já não é uma mera atitude, ou uma maneira de se entrar em cena, ou mesmo um ponto de vista, mas um objeto, o que inclui a estranheza de o sujeito ser olhado no ato de olhar” (GUIMARÃES, 1993, p. 9).

Vamos emprestar a analogia feita por Manovich no prólogo de seu livro *The Language of New Media* na qual compara o filme de Vertov *Cheloveks Kinoapparatom* (Um homem com uma câmera) – 1929 – às questões da cibercultura para definir as relações e circunstâncias da virtualidade necessárias para a problemática do trânsito de informação e do conhecimento.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

- ⊙ Primeiro, como usuários de computadores devemos entender a linguagem da interface.
- ⊙ Fazer de pontos de vistas não convencionais uma chave importante desta poética.
- ⊙ Editar, montar é a palavra-chave para a criação das realidades virtuais. Pode ser de duas maneiras: a primeira em uma relação temporal, na qual os fragmentos estabelecem uma leitura cronológica. Na segunda, a relação se dá por contingência de diferentes partes, de realidades diferentes, para criar uma nova imagem.
- ⊙ Comparado a um filme, apresenta objetos que não existem na realidade, produzidos a partir de uma simulação.
- ⊙ As fronteiras entre diferentes mundos não devem ser apagadas. Diferentes espaços não devem ser misturados em sua perspectiva, escala e luz. Diferentes camadas podem reter suas identidades mesmo quando unidas em um espaço único e singular.
- ⊙ Mobilidade: a “câmera” (nosso olhar) pode estar em qualquer lugar.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

- ⊙ Escala e lugar único são descartados em resposta a demanda da sociedade por uma igualdade universal das coisas. Descartados em um segundo momento – externo – mas absolutamente necessários para a apropriação da informação em fluxo no momento interno.
- ⊙ É um processo que privilegia signos intercambiáveis e móveis em detrimento a objetos originais e relações, em um processo contínuo de transformar objetos em signos móveis.
- ⊙ O imaginário criado a partir do computador não é uma representação inferior da realidade, mas uma representação realista de uma realidade diferente.
- ⊙ Somente os objetos das novas mídias contêm uma hierarquia de níveis.
- ⊙ A linguagem não se autodefine por completo.
- ⊙ Os efeitos, as simulações, são as novas formas de falar, novas possibilidades de comunicação a partir de novas realidades.
- ⊙ É possível dar um significado aos efeitos através da linguagem artística. Esse olhar pode ser usado para decodificar o mundo e assim perceber uma coleção de possibilidades oferecidas pelo olhar.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

- ⊙ Os aparatos necessários para a comunicação via rede, como microfones, câmeras, são elementos incorporados aos discursos, são tratados como partes deles e às vezes se tornam os protagonistas.
- ⊙ Banco de dados como forma de sobrepor imagens em tempo e espaço, quebrando a simples navegação pelo espaço através de operações na interface.
- ⊙ Retomada das estratégias da estética da Avant-garde, especialmente a da colagem – copiar e colar – que são exercitadas nos comandos mais simples no uso do computador.
- ⊙ Acolher todas as informações do evento; a progressão que inclui todos os elementos no caminho é uma narrativa básica do cinema e da cibercultura. A câmera, ao se direcionar para o ponto focal em questão, capta todos os elementos no seu caminho até este ponto.
- ⊙ O *loop* — retorno — é uma nova narrativa apropriada à era dos computadores? Uma progressão seqüencial não deve excluir a possibilidade do retorno.
- ⊙ Montagem espacial em contraponto a montagem temporal e industrial onde atividades são repetidas de forma seqüencial. Programas de computadores

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

e o cinema seguem a lógica desta última forma. Quando orientarmos os programas para a relação espacial, abriremos espaço para sua potencialidade maior?

- ⊙ Agregar múltiplas janelas de comunicação simultâneas, tanto o cinema quanto o computador.
- ⊙ A estética dos arranjos espaciais da informação vai da extrema escassez à extrema densidade.

A dinâmica acontece quando os sujeitos e as subjetividades envolvidas estabelecem uma negociação para desembocar em uma versão da realidade que inclui as partes, pelo entendimento de que qualquer imagem ou representação é produto de como foi situada, interpretada e usada. Abre-se caminho para o conhecimento incluir o outro, novas linguagens de expressão, a possibilidade do produto inacabado e principalmente a não-linearidade constitutiva da criação que subverte o roteiro.

Seguindo esse pensamento, para Lev Manovich (2001), o objeto é constituído de uma ou várias interfaces resultantes do banco de dados, reformulando o conceito de narrativa.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

O sujeito atravessa, em uma relação transversal, o banco de dados seguindo links, que são as possibilidades estabelecidas em um primeiro momento pelo criador do projeto. Em uma narrativa tradicional, temos uma possibilidade apresentada entre tantas possíveis, mas que não se realizam. Em uma hipernarrativa todas elas podem ser apresentadas e estão disponíveis, a resposta é uma escolha singular. Aquilo que, na narrativa tradicional, era um objeto cultural, passa a ser uma fração de uma narrativa potencializada; de fato, a narrativa linear tradicional pode ser um caso particular da hipernarrativa. Um livro, um filme, objetos culturais, agora, dentro de um ambiente virtual, são elementos de uma narrativa maior, compondo-se em espaço e tempo com outros elementos interagentes e outros ecossistemas. Montagem e narrativa, antes antagônicas, agora se relacionam dentro do banco de dados. Esta relação resultante da organização e da composição não rompe com as narrativas tradicionais, somente distribui pesos diferentes para as categorias que estruturam a cultura, trazendo o que estava atrás para frente e vice-versa, recuperando o conceito do Anel Moebius, passando do exterior para o interior. “[...] cada fragmento de montagem já não existe mais como algo não-relacionado, mas como uma dada representação particular do tema geral, que penetra igualmente todos os fotogramas” (EISENSTEIN, 1990, p. 17).

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

De um lado o autor trabalha sobre elementos dispostos em relação a um código combinatório criando o design, conteúdo, formas de apropriação e fluxo comunicativo (SILVA, 2007), que são, por sua vez, configurados e re-configurados pelo receptor em composições instáveis e infinitas. Os papéis também se aglutinam em uma dissolução dos pólos autor e leitor, este e aquele podem ser o mesmo indivíduo, dando-lhe, como se em uma recuperação das estruturas da narrativa oral, o papel de pilar e transmissor (co-autor) daquele rito em fluxo de transmissão.

Dentro do espectro das analogias, a virtualidade pode ser entendida como a representação dos processos de consciência e imaginação, que trabalham com um número elevado de interações e interferências, fatores aleatórios, ambigüidades, constituintes heterogêneos e contraditórios se inter-relacionam. Portanto, representa situações complexas em razão dos elos transitórios dos seus códigos como uma escritura linear dentro da sua sintaxe, fixa e define, restringindo o pensamento. Muitas perspectivas ficam fora do “quadro”. Em outra vertente a produção de conhecimento através das novas linguagens estabelece um diálogo com a estética pelo caminho do não-confinamento, de maneira que vemos o que está no quadro e o que está fora dele.

⁴Informação inserida pela pesquisadora.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET



Osmisan

IZABEL MEISTER

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

5.3 Caráter transitório, uma condição?

“Na era da conexão, do CCm (Computadores coletivos móveis)⁴, a rede transforma-se em um ‘ambiente’ generalizado de conexão, envolvendo o usuário em plena mobilidade.” (LEMOS, *in* LEÃO, 2004, p. 19)

Não há uma simples mudança tecnológica, há uma mudança de escala, onde as tecnologias móveis passam a fazer parte das paisagens urbanas e nos levam a rever o significado de proximidade, distância e mobilidade. De alguma forma agora abandonamos a imersão proposta pela realidade virtual. Segundo Lemos, agimos de forma contrária porque a realidade virtual requer um aparato tecnológico próprio de construção de ambientes. Mas não podemos pensar em uma alteração da escala dela também, quando, por exemplo, podemos “vestir” uma lente de contato que coloca na nossa retina o universo do hipertexto e o nos coloca no centro da realidade?

O caminho que estamos trilhando é o do vestível, do incorporado, ou seja, as máquinas, os objetos, desaparecem imersos no cotidiano de forma onipresente, em uma relação no mínimo híbrida do ciberespaço e do espaço, devido à *portabilidade* e o espaço *virtual igual* (ITO, *apud* LEMOS, *in* LEÃO, 2004). A idéia de mobilidade nos conduz de forma

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

irremediável a outra, a idéia de nomadismo. A cultura se organiza de uma forma mais fluida, com papéis menos rígidos e lugares sociais intercambiáveis (LEMOS, *in* LEÃO, 2004):

“De várias maneiras, nós retornamos às experiências semelhantes e aos papéis imprecisos dos nômades. Mais uma vez, nós enfrentamos a dificuldade de escapar uns dos outros. De fato, é cada vez mais difícil separar uma esfera social da outra, uma atividade da outra, uma área de conhecimento e experiência da outra.” (MEYROWITZ, *apud* LEMOS, *in* LEÃO, 2004, p. 22)

De alguma forma parece surgir uma sinergia importante entre espaço virtual, espaço urbano e mobilidade, que por si só poderia render discussões interessantes, mas que não serão aprofundadas aqui. O que podemos dizer é que estas transformações deslocam nossos olhares sobre a idéia que espaço público ou privado não diz mais respeito a um lugar, mas sim ao tipo de conexão. E deslocam nossa forma de pensar?

Como uma possível resposta vamos nos valer do seguinte comentário feito por Lemos:

“Para Urry,⁵ essa sociedade complexa e móvel exige um pensamento em movimento, complexo, fluido e desterritorializado para que possa dar

⁵John Urry, sociólogo inglês que propõe “mobile sociology”.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

conta das pequenas perturbações no sistema, consequência do uso das tecnologias móveis e das práticas contemporâneas de flexibilidade social, típicas da chamada pós-modernidade." (*in* LEÃO, 2004, p. 23)

Produzimos a sociedade e por ela somos produzidos. Com base neste entendimento podemos ancorar a mudança de estrutura na complexidade que tal dinâmica nos mostra, aprendendo a lidar com as incertezas e as verdades transitórias. Ao fazermos esse percurso, podemos articulá-lo através da interdisciplinaridade para criar estratégias de reconhecimento dos sujeitos frente ao mundo diverso, plural, que acolhe espaços e o ciberespaço, especialmente diante da mobilidade que nos faz contar pequenas histórias a cada fricção de tempo. Não importa a classificação deste tempo; se estamos na era das relações, da informação ou da conexão, temos urgência da subjetividade para contar pequenas histórias, entrelaçadas de complexidade e tecidas a luz transdisciplinar. "Assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo" (LÉVY, 2001, p. 48).

Parece que todas as idéias que permeiam o pensamento complexo, a transdisciplinaridade e a cibercultura têm como fundamento comum a necessidade de incluir nas relações a subjetividade e entendê-las como um sistema, um ecossistema onde todos são protagonistas.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

Se admitirmos o pensamento complexo, então devemos pensar o virtual e o atual, o real e as possibilidades – coisas que desencadeiam outras coisas como parte de um mesmo tecido. Ou seja, tudo como parte da complexidade virtual/real e, portanto, sem separações. Esta estrutura é ordenada a partir do conhecimento (MORIN, 2007). Os significados existem nestas apropriações tanto quanto no conteúdo de uma imagem, quanto em como ela reflete uma idéia específica ou geral. São indícios da possibilidade de produção de conhecimento. O caráter transitório faz a ponte, pode ser colocado como uma condição para o entendimento da relação entre transdisciplinaridade e virtualidade, e só pode acontecer à medida que inclui, se relaciona, que se torna também a transitoriedade do sujeito e do conhecimento. “A crise da modernidade obriga-nos a fazer com que o modelo de árvore ceda lugar ao rizoma, que pulsa lateralmente, sem controle e sem eixo gerador, e que se espalha horizontalmente como os canais de Amsterdã” (LEMOS, 2005, p. 136). Estamos em movimento e neste movimento percebemos as trocas via internet como transitórias porque só existem a partir de uma conexão entre os sujeitos/objetos, por um lado, e, por outro, porque são do tempo atual, efêmeras em sua duração.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL:

O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

5. Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet

O caráter transitório realiza o fluxo em detrimento à fragmentação. O significado não é fixo, como pretendia a modernidade; o conhecimento é móvel, maleável, múltiplo e depende deste caráter para manter-se. Segundo Maria Cândida Moraes (1997), as teorias transitórias são aproximações progressivas do conhecimento e não buscam a verdade absoluta, consideram-se algumas conexões e não todas as propriedades. “Um lugar de trânsito permanente entre situações de imersão e eversão, cruzando o infinitamente pequeno e desmedidamente grande, matéria descorporificada que só se comporta fisicamente como passagem” (NOVAK, *apud* BEIGUELMAN, 2008).

Nesta relação de fluidez, a linguagem líquida só não evapora porque nós somos capazes de dar significado a ela e só podemos fazê-lo porque admitimos uma relação entre os cibervetores, o sujeito e sua apropriação do objeto. Essa relação se constitui como caráter transitório e busca construir olhares sobre as realidades, nada é excludente. Para onde vamos?

[...] através do ciberespaço, qualquer que seja o lugar onde nos encontrarmos, dirigiremos nós mesmos nossos olhos a distância em direção à zona de realidade que escolhemos para observar, e a intensidade dos nossos olhares, como a força de nossas questões, fará nascer ao infinito novos detalhes. (LÉVY, *in* LEMOS, 2005, p. 13)

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Conclusão

“Enfim, compreender o papel que a tecnologia informacional desempenha nas ecologias não-deterministas e polimorfas de um planeta conectado é uma das tarefas mais importantes a serem hoje enfrentadas, pois ecologias polimorfas exigem cognição polimorfa, capaz de negociações com contextos que se multiplicam. Tendo como subtexto o famoso ‘desencantamento do mundo’ de Weber, e contrapondo-se ao negativismo que está nele implícito, Peterson [...] afirma que o polimorfismo atual reclama por novas relações entre a engenharia e as humanidades, para que possamos dar conta da nossa e-condição. Que caminhos buscar para promover a criação e manutenção do ‘encantamento do mundo’ nas ecologias do presente e de um futuro próximo? Eis aí um magno desafio!” (SANTAELLA, 2007, p.135).

Ancoramos o entendimento de todo esse contexto de conexão do mundo na tecnologia, na cultura, no espaço, na virtualidade, na cibercultura e no ciberespaço. Como forma de compor esse processo, dentro de um ecossistema, propomos a transdisciplinaridade pelo seu viés do pensamento complexo. O fato de pensarmos em uma sociedade plural, diversa, abre espaço para esta articulação.



6. Conclusão

À medida que fomos desenvolvendo as relações básicas de cultura, tecnologia, e do sujeito e seus entrelaçamentos com os cibervetores, percebemos que a rede que se instaura no ciberespaço não é circunscrita a estas fronteiras (e vice-versa); na verdade, o seu sentido se dá no encontro destas águas, no tecer de novas redes. Apoiamo-nos em rizomas, espumas, líquidos para entender a dinâmica da sociedade contemporânea, onde lugares não são necessariamente espaços físicos, podem ser espaços de tempo porque diante das novas formas de convergência social nem sequer precisamos estar presentes, nossas agremiações podem ser por interesses e as distâncias são meras formalidades geográficas.

A idéia de local passa por uma forma de contextualização e inferência de nossos referenciais pessoais. Porém não falamos de dois mundos, um virtual e outro real. A sociedade fluida transforma as relações reais do urbano, do social, e somos inundados de novos arranjos tribais, somos nômades porque podemos carregar conosco as mais diversas formas de comunicação que permitem a troca de informações em uma outra velocidade que as ditadas pelo estereótipo cultural. Isso nos faz cúmplice da falta de reminiscência do local? Se estivermos perdendo a noção de lugar consagrada pela modernidade, os espaços síntese, redutores e simplificados em nome de uma história universal, isso é possível. Mas a relação

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

6. Conclusão

de substituição e oposição que nos obriga a escolher entre uma ou outra modalidade é o discurso que queremos incluir em uma relação maior, onde movimentos são somados e a complexidade revela outras possibilidades.

Segundo essa idéia, os significados necessários aos indivíduos são tecidos em uma relação de trânsito, isto é, só se constituem como tal quando em contato com o sujeito. Em contrapartida, o caráter transitório carrega o aspecto de efêmero, fluido, não constituído de solidez e permanência. É o aqui e o agora, a temporalidade do presente.

Propusemos a concepção deste trabalho a partir desse cenário, sendo assim cada capítulo é um nó, uma lexia, que contribui para a formação de idéias e conceitos dependentes do contato com o oxigênio, ou seja, de nossa relação e interação com eles. Podem ser lidos em qualquer ordem, são pequenas esferas permeadas por outras redes e formam novos volumes diferentes, maiores que as partes que os constituem. São campos que se aperfeiçoam de forma transversal. Podemos nos apoiar na outra lógica a que se refere Décio Pignatari (2004) quando fala da poesia e das artes em geral. Ele nos diz que no sistema lógico-discursivo as sentenças são organizadas por subordinação ou *hipotaxe*,



6. Conclusão

que divide o discurso em partes como oração principal e subordinadas. Mas que quando se refere às artes a relação existente perturba a idéia de princípio, meio e fim. Ele então nos fala de orações que se articulam por coordenação ou *parataxe*, um elemento junto ao outro com o mesmo grau de importância. É um espaço não-linear que cria um tempo também não-linear.

Da cultura local à oralidade global: o caráter transitório na internet busca expressar esta idéia, criando um tecido com todas as questões aqui colocadas, em uma relação transversal com os campos do saber envolvidos em uma dinâmica rizomática. Trabalhamos, portanto, com a noção de parataxe (“e... e... e”), e não com a de hipotaxe (“ou”). Estes são o espaço e o tempo do caráter transitório.

Assim, local é uma noção cultural que determina a qualidade da comunicação e da instalação da rede social. Pelo seu caráter cada vez mais corporal e nômade, que acontece em um tempo definido, ou seja, o da sua própria realização, podemos dizê-la oral e global. Da mesma forma que nas culturas orais do passado, a memória e a informação não estão separadas dos sujeitos. Aí encontramos o caráter transitório:

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER


6. Conclusão

As tecnologias da memória nas sociedades ágrafas eram práticas sociais e culturais vinculadas à tradição oral, à expressão visual e sonora e a sua transmissão efectuada através do corpo – incorporação visual da memória. A transmissão deste tipo de memória é a multimediática. Isto é, são formas expressivas corporais que se desenvolvem num tempo definido, o da sua realização. São escassos os vestígios que dela ficam uma vez passada a sua representação ou encenação. Nestas culturas orais os media (apoios de memória e portadores de informação) não estão separados dos sujeitos. (RIBEIRO, s.d.)

A partir deste conjunto refletimos sobre a possibilidade de aceitar o carácter transitório na internet como uma constatação importante no re-arranjo das vivências humanas vinculadas ao ciberespaço. Talvez, dentro da nossa e-condição, o “encantamento do mundo” seja transitório e pertinente aos pequenos contos, não mais aos grandes movimentos históricos.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER



“In everything there is an unexplored element because we are prone by habit to use our eyes in combination with the memory of what others before us have thought about the thing we are looking at. The most insignificant thing contains some little unknown element. We must to find it.”

Richard Woollacott



Referências bibliográficas

LIVROS:

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Coleção Travessia do século.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991. Tradução: Maria João da Costa Pereira.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2001. Tradução: Plínio Dentzien.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica, primeira versão*. In: Teoria da cultura de massa. Adorno et al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Tradução e comentários: Luiz Costa Lima.

BREITMAN, Karin.Koogan. *Web semântica: a internet do futuro*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

BOLTER, Jay David. GRUSIN, Richard. *Remediation: undestanding new media*. Cambridge, USA: The MIT Press, 2000.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 9. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006. Tradução: Roneide Venâncio Majer. Colaboração: Klaus Brandini Gerhardt.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2007. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Tradução: Teresa Ottoni.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Relume, 2002. Tradução do autor.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt.

GUIMARÃES, Dinara Machado. *Vazio iluminado: o olhar dos olhares*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e outros.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Referências Bibliográficas

HANSEN, Mark B. N. *Bodies in code*. New York, USA: Routledge, 2006.

JAMENSON, Fredric. Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. Organização e tradução: Ana lúcia Almeida Gazzola.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Tradução: Maria Luísa X. de A. Borges; revisão técnica: Paulo Vaz.

LEÃO, Lúcia (Org.). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annalube; Senac, 2004.

_____. (Org). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre novas mídias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. Tradução: Carlos Irineu da Costa.

_____. *O que é virtual?* 4ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2001. Tradução: Paulo Neves.

_____. *Cibercultura*. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2003. Tradução: Carlos Irineu da Costa.

Referências Bibliográficas

- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. 3. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2005.
- MANOVICH, Lev. *Language of new media*. Cambridge, Massachusetts/USA: The MIT Press, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005. Tradução: Décio Pignatari.
- MORAES, Dênis. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007. Tradução: Eliane Lisboa.
- _____. *O método 1: a natureza da natureza*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. Tradução: Ilana Heineberg.
- PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- PINK, Sarah. *The future if visual anthropology: engaging the senses*. London/UK: Routledge, 2006.

Referências Bibliográficas

- _____. *Doing visual ethnography*. London/UK: SAGE Publications Ltd. 2nd ed., 2007.
- RIBEIRO, José da Silva . *Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004. Coleção Biblioteca das Ciências Sociais/Antropologia 10.
- _____. *Imagens e ritual – Antropologia como experiência visual*. s.d., s.ed., s.p.(no prelo)
- _____. BAIRON, Sérgio.(Org) *Antropologia Visual e Hipermedia*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2007. Coleção Biblioteca das Ciências Sociais/ Antropologia 11.
- SANTAELLA, Lucia. NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1988.
- _____. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.
- _____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III (Espumas)*. Madri, Espanha: Ediciones Siruela S. A., 2006. Tradução: Isidoro Reguera.
- VALENTE, Carlos. MATTAR, João. *Second Life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec Editora, 2007.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

ARTIGOS EM MEIO ELETRÔNICO:

ANTOUN, Henrique. PECINI, André Custódio. *A web e a parceira: projetos colaborativos e o problema da meiação na internet*. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_171.pdf Acesso em: 18/11/2007

ARANTES, Priscila. *Tudo que é sólido, derrete: da estética da forma à estética do fluxo*. Curitiba: XVI Compôs 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_233.pdf Acesso em: 18/11/2007

ARAÚJO, Denise Correa. *Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática*. Niterói: XIV Compôs 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_8.pdf Acesso em: 18/11/2007

BEIGUELMAN, giselle. *Novak transforma a forma em trânsito e passagem*. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak_sp.htm Acesso em 28/05/2008

COOVER, Roderick. *Exhibiting Culures Through Multimedia*. Disponível em: <http://web.mit.edu/comm-forum/mit4/papers/coover.pdf> Acesso em: 18 de novembro de 2007.

NELSON, Ted: <http://ted.hyperland.com/>. Acesso em: 03/06/2007

_____. <http://transliteration.org/> Acesso em: 29/05/2008

NOVAK, Marcos. *Transarquiteturas e o transmoderno*. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/brasmitte/portugues/novak_texto01.htm Acesso em 21/05/2008

SILVA, Cícero Inácio da. *O arquivo do nome e o nome do arquivo*. Disponível em <http://www.file.org.br/file2004/filescript/textos/nome.html> Acesso em: 03/06/2007

_____. *Depois do hiper*. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2471,1.shl> Acesso em: 03/06/2007

_____. *A era da infoestética*. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2928,1.shl> acesso em: 18/11/2007

SILVA, Sivaldo Pereira. *Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura*. Curitiba: XVI Compôs 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_175.pdf Acesso em: 18/11/2007

REPORTAGEM EM SITE

Lente de contato com chip põe conteúdo multimídia direto na retina. http://www.ascomputadores.com.br/noticias_view.php?id=141 Acesso em 29/05/2008

DVD-ROM:

RIBEIRO, José da Silva. BAIRON, Sérgio.(Org) *Antropologia Visual e Hiper(m)édia*. Porto, Portugal: LabAV-UA. São Paulo: CCL Universidade Mackenzie, 2007. 1 DVD-ROM

FILME:

Web 2.0 ... The Machine is Us/ing Us. Michel Wesch. Duração: 4 minutos 32 segundos. Disponível em <http://youtube.com/watch?v=6gmP4nk0EOE> / versão em português: <http://youtube.com/watch?v=NJsacDCsiPg&feature=related/> Acesso em 29/05/2008

REVISTAS:

COOVER, Roderick. *Cultures in webs: working in hypermedia with documentary image*. Visual Studies, London/ Uk: v. 19, n. 1, p. 7 – p. 25, 2004.

MALDACENA, Juan. *Ilusão em 3 dimensões*. São Paulo: Revista Scientific American Brasil, ano 4, n. 43, dezembro de 2005.

Pierre Lévy

As tecnologias da inteligência.

Enuncia aspectos importantes que permeiam este trabalho, especialmente a relação entre os três tempos do espírito (a oralidade primária, a escrita e a informática) que subsidia, em parte, a escolha do título deste projeto; e também a discussão em torno de uma ecologia cognitiva, que abre as fronteiras para as questões propostas entre transdisciplinaridade e virtualidades já mencionadas, introduzindo a possibilidade da rede colaborativa, ao falar em coletividades pensantes.

Cibercultura.

“Pensar a cibercultura: esta é a proposta deste livro.” (LÉVY, p.11, 2003).

Aqui reside a importância deste livro para este estudo. Ao abordar a virtualização da informação e a transformação que dela resulta, particularmente nos interessam a relação com o saber, as questões estéticas e artísticas, além do desenho conceitual de ciberespaço e cibercultura.

O que é virtual.

Este autor é um entusiasta do que ele chama de nova cultura, as questões do ciberespaço, da virtualidade, da internet. Segundo esta posição, busca delinear a relação, e não a posição,

entre virtual e real, principal impedimento, segundo ele, para o nosso entendimento sobre a realidade que inclui as questões mediáticas. "A virtualização atinge mesmo as modalidades de estar junto, a constituição do *nós*" (LÉVY, p.11, 2007).

É importante para este projeto porque indica, ao refletir sobre o virtual, o seu aspecto transdisciplinar e a necessidade de repensar o sujeito, a cultura, a informação e o conhecimento a partir deste contexto.

Jean Baudrillard

Simulacros e simulação.

Também, ao pensar a nossa cultura diante de novas possibilidades, discute em última análise a questão da representação, agora vinculada à liquidação dos referenciais em prol da construção daquilo que chamou de hiper-real. "Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real" (BAUDRILLARD, p. 8, 1991).

Ingrediente fundamental para este trabalho, apesar do seu prognóstico sombrio para o futuro da cibercultura, pela percepção de que a circulação de modelos constitui o verdadeiro campo magnético do acontecimento, ainda seguindo as palavras de Baudrillard.

Manuel Castells

A sociedade em rede.

Espaço para a elaboração de toda uma construção em torno da era da informação a partir das relações entre economia, sociedade e cultura. São especialmente importantes para este trabalho os capítulos que tratam:

1. da cultura da virtualidade real, especialmente no que tange a redes interativas;
2. dos espaços de fluxos e a arquitetura;
3. do tempo, tempo virtual, espaço e sociedade.

Propõe que todas as mudanças ou tendências de mudanças estão em um estado de inter-relacionamento, o que nos possibilita, inclusive, perceber o viés econômico, urbano e estético, as relações políticas e de poder destas mudanças, que por si só já poderiam ser temas de dissertações. Neste caso ajudam a formular as bases cultural e de comunicação necessárias ao projeto.

Marc Augé

Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.

Discutir a noção de lugar e a completa subversão destes conceitos em relação à supermodernidade, a qual aproxima o virtual do nosso cotidiano e nos aproxima dos

resultados diários destas incursões virtuais sobre as questões culturais, sociais, urbanas e seus símbolos. Para amarrar esta compreensão, lança mão da antropologia e sua relação com a questão do outro a partir da representação do indivíduo e do seu vínculo social. Particularmente, a este trabalho, interessam as noções de excesso e mudanças de escala, aceleração e finalmente o não-lugar, além de uma relação indireta com o lugar antropológico para refletir sobre mobilidade, multiplicidade de espaços e flutuação de fronteiras.

Zygmunt Bauman

Modernidade líquida.

Ao definir fluidez como a principal metáfora para a era moderna, Bauman indica que os fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo, estando prontos para alterar a forma. Dentro deste enredo discute vários aspectos da sociedade: “No estágio fluido da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial” (BAUMAN, p. 20, 2001).

Suas reflexões sobre o indivíduo, tempo e espaço, inclusive falando do “não-lugar” como, em suas palavras, destituído de expressões simbólicas de identidade, relações e história, fazem o contraponto necessário a uma visão entusiasmada que este trabalho poderia vir a assumir.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Para dar sustentabilidade ao segundo eixo, o da cibercultura, também foi preciso incluir relações com o ciberespaço e com a comunicação a fim de construir o contexto necessário. Quando pautamos a idéia do caráter transitório, a relação com a comunicação tornou-se importante não apenas para contribuir para este aspecto em especial, mas porque toda a nossa relação com a virtualidade e ciberespaço é uma transação comunicacional de informação. Apontamos, portanto, para as seguintes referências teóricas:

Sarah Pink

The future of visual anthropology, engaging the senses.

Esta pesquisadora busca discutir no âmbito das mudanças da antropologia visual as novas perspectivas de expressão hipermidiática na construção do saber científico, abrindo fronteiras sobre as questões de colaboração, flexibilidade e as relações entre conteúdo, contexto social e a materialidade das imagens, delineando metodologias voltadas à antropologia visual, mas que podemos emprestar para a discussão proposta neste estudo.

José da Silva Ribeiro e Sérgio Bairon (org.)

Antropologia visual e hipermídia.

Um capítulo em especial é importante para este estudo: "A linguagem hipermidiática como produção do conhecimento: relações interdisciplinares", de Sérgio Bairon. Ele desenha caminhos para a produção de conhecimento a partir de uma base interdisciplinar

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

relacionada a uma base hipermidiática, traçando questões já experimentadas, em parte, e guardando-se as especificidades, pelo cinema antropológico. “Portanto, cabe a pergunta, até que ponto o uso da expressão hipermidiática da linguagem de fato traz novos parâmetros à produção do conhecimento?” (Ribeiro, Bairon, p. 43, 2007).

Este estudo gostaria de contribuir para a busca desta resposta, neste momento fazendo mais perguntas.

André Lemos

Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.

Revedo a relação entre técnica, tecnologia e cultura ao longo da história, constrói uma relação também entre diversos autores para tecer a cibercultura e o ciberespaço, defendendo a primeira como uma nova forma de cultura e o segundo como representante do mais recente desenvolvimento da evolução da linguagem onde os signos são ubiqüitários na rede (LEMOS, 2005).

Steven Johnson

Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar.

Inserir a tecnologia é a razão deste livro, que sustenta a idéia de que a interface – na qual

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

a informação é representada – deveria ser vista como uma forma simbólica da nossa era, em suas palavras. Especialmente porque aquilo que vemos na tela é uma informação numérica que dá forma a informação para a sua atualização, é a fusão da arte e da tecnologia. Abre um diálogo importante para este estudo porque delinea a ponte necessária para que a idéia de transitoriedade faça sentido, ao dizer que o computador deve representar-se a si mesmo ao usuário, em uma linguagem que este entenda para que a mágica da revolução digital aconteça, inclusive possibilitando a reflexão em torno do tangível e intangível neste contexto tecnológico.

Lev Manovich

The language of new media.

Um mergulho importante no universo da nova mídia – imputada pelo banco de dados – para trabalhar princípios e discutir mitos, especialmente quando fala sobre o que é a nova mídia e sobre a interface, amarrando, a partir do olhar teórico, mas também de quem utiliza as novas tecnologias ao produzir trabalhos artísticos, experimentais e profissionais. São as mesmas questões discutidas por Augé, Lévy, Bauman e Baudrillard.

A transdisciplinaridade levanta questões abrangentes e necessárias às pontes estabelecidas neste estudo. É este o olhar que prevalece para percebermos a

virtualidade e a cibercultura como parte de um sistema, ou ecossistema, no qual também encontramos a complexidade, o pensamento sistêmico, e que sustenta a espinha dorsal que rege esta pesquisa.

Eduardo Mourão Vasconcelos

Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.

Vasconcelos traça, na primeira parte do livro, um panorama sobre transdisciplinaridade como estratégia de abordagem dos diferentes componentes transversais que permeiam a nossa realidade. Na segunda parte do livro, aplica os conceitos propostos em metodologias de pesquisa. É obra de singular importância para este estudo porque apresenta a transdisciplinaridade como conceito e também como metodologia.

Maria Cândida Moraes

O paradigma educacional emergente.

Propõe a construção de valores educacionais baseados em um sistema aberto, explorando a transdisciplinaridade e a ideia de ecossistema, mas principalmente o princípio de que o conhecimento é transitório. O paradigma emergente reconhece tudo o que está em movimento, em interligação. O processo é mais importante que o produto. Encontramos neste livro argumentos importantes para a estruturação de determinadas reflexões levantadas por este estudo.

Edgar Morin

Introdução ao pensamento complexo.

Suas colocações e reflexões sobre a complexidade nos fazem entender que, para dar forma a esse conceito, é preciso revelar o tecido que compõe nossa idéia de mundo (e como pensamos sobre ele) e possibilita buscar as questões e as implicações do sujeito em todo o processo. Acolher o incerto, a ampliação de fronteiras em favor da complexidade, não pela perspectiva do paradigma da simplicidade, e todo o conceito desenvolvido em torno do pensamento complexo são fundamentais para este estudo que inclui a rede, o tecido cibernético e o sujeito.

Mas pode-se dizer, desde já, que se o pensamento simplificador se baseia no predomínio de dois tipos de operações lógicas: disjunção e redução, que são ambas brutais e mutiladoras, então os princípios do pensamento complexo serão necessariamente princípios de disjunção, de conjunção e de implicação. (MORIN, p. 77, 2007)

Gilles Deleuze e Félix Guatarri:

Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.

Um rizoma, como algo que não tem começo nem fim, com pontos que se conectam, não leva ao uno ou ao múltiplo, como uma árvore (um sistema binário, por exemplo) que reproduz uma unidade inicial. É, na verdade, feito de dimensões, o que abre a possibilidade para a estratégia (Morin) e não para um programa. Os agenciamentos resultantes

trabalham sobre fluxos semióticos, materiais e sociais, ao mesmo tempo. Assim não há separação entre o campo da realidade, da representação e da subjetividade. Não começa e não conclui, trabalha com a conjunção (e+e+e...) e é campo fértil para discutirmos as questões do pensamento complexo e da transdisciplinaridade, de forma geral, e a relação com um sistema binário que propicia uma condição rizomática, aspectos absolutamente caros a este estudo.

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS- CCL
Programa de Pós-Graduação em Educação,
Arte e História da Cultura



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA CULTURA / CULTURA DAS IMAGENS

TERMO DE AGRADECIMENTO

Agradecemos a Sra. **Izabel Patrícia Meister** por sua participação no III Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil, no período de 22 a 26 de agosto de 2007, em parceria com a Universidade Aberta - Portugal e a Universidad de Murcia – Espanha.

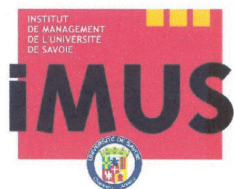
Sua Comunicação **Websujeito, o deslocamento do olhar** em muito abrilhantou nossas atividades.

São Paulo, 26 de agosto de 2007

Prof. Dr. Marcos Rizolli
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER



Annecy-le-Vieux, le 2 mars 2008

ATTESTATION

Je soussigné, **Jean-Luc Giannelloni**, Directeur du laboratoire IREGE, atteste que **Madame Izabel Meister**, était bien présente au workshop à Annecy, le **14 et 15 février 2008**, Visual and sensory methodologies to research and represent hypermedia and virtual practices.

Fait pour valoir ce que de droit,

Annecy, le 2 mars 2008

Jean-Luc Giannelloni
Directeur IREGE

A handwritten signature in black ink that reads 'JL Giannelloni'.



IREGE – Institut de Recherche en Gestion et Economie
IMUS – Institut de Management de l'Université de Savoie
BP 80439 - 74944 Annecy-le-Vieux Cedex
Tél : 04 50 09 24 40
Fax : 04 50 09 24 39



Informamos que a arquitecta Izabel Patrícia Meinster participou na organização e realização do Workshop *Metodologias visuais e sensoriais, representação hipermediática e e práticas virtuais*, que se realizou de 11 a 13 de Fevereiro na Delegação do Porto da Universidade Aberta e de 14 a 16 de Fevereiro de 2008 e no *Institut de Management de l'Université de Savoie* em Annecy. Formulamos o nosso interesse em posteriores participações nos seminários e workshops de doutoramento em Antropologia, especialidade Antropologia Visual e nas actividades de investigação do Laboratório de Antropologia Visual bem como noutras iniciativas deste Grupo de Investigação.

Porto, 12 de Fevereiro de 2007

José da Silva Ribeiro

Coordenador do Laboratório de Antropologia Visual

DA CULTURA LOCAL A ORALIDADE GLOBAL: O CARÁTER TRANSITÓRIO NA INTERNET

IZABEL MEISTER

Department of Social Sciences

Loughborough University Leicestershire LE11 3TU UK

Department: +44 (0)1509 223365 223368 223383 Fax: +44 (0)1509 223944

Mackenzie University
Sao Paulo
Brazil



Direct Line: +44(0)1509 223878

Fax: +44(0)1509 223944

E-mail: S.Pink@lboro.ac.uk

WWW url: <http://info.lboro.ac.uk/home.html>

10th September 2007

This letter is to confirm that Isabel Meister has come to see me today (10th September 2007) at the Department of Social Sciences, Loughborough University to discuss our mutual interests in anthropology, art and hypermedia and exchange ideas in this area.

Yours sincerely

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Sarah Pink'.

Dr Sarah Pink
Reader in Social Anthropology



THE QUEEN'S
ANNIVERSARY PRIZES

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)